

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**OS VALORES DOS PAIS PREDIZEM
OS VALORES DOS FILHOS ADOLESCENTES?
UM ESTUDO COM FAMÍLIAS NUCLEARES INTACTAS**

Andreia Sofia de Campos Baptista

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2012

UNIVERSIDADE DE LISBOA
FACULDADE DE PSICOLOGIA



**OS VALORES DOS PAIS PREDIZEM
OS VALORES DOS FILHOS ADOLESCENTES?
UM ESTUDO COM FAMÍLIAS NUCLEARES INTACTAS**

Andreia Sofia de Campos Baptista

Dissertação orientada pela Professora Doutora Isabel Narciso

Co-Orientação pela Mestre Ana Prioste

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA

Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica

2012

Em memória da minha avó Esperança.

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Isabel Narciso, pela inspiração que as suas palavras constituíram ao longo de todo o Mestrado. Agradeço o *Ser e o Estar com os Outros*, as reflexões partilhadas e proporcionadas, o olhar terno e a gargalhada fácil, as palavras de incentivo, o carinho e apoio em todos os momentos que partilhámos.

À minha co-orientadora, Dra. Ana Prioste, por ter partilhado comigo os seus conhecimentos de uma forma tão generosa, disponibilizando-me o seu tempo e a sua ajuda em todos os momentos. Obrigada por me ajudar a pensar, por ampliar os meus horizontes e me incentivar, dia após dia, com a simpatia e confiança que as suas palavras e o seu olhar expressam.

A todos aqueles que generosamente disponibilizaram um pouco do seu tempo ao participar neste estudo de investigação sobre os valores familiares.

Aos professores do Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica por tudo o que me ensinaram, pela paixão pela sistémica e pela arte de ensinar. À Professora Doutora Maria Teresa Ribeiro e ao Professor Doutor Wolfgang Lind, por promoverem o meu desenvolvimento pessoal e profissional. À Professora Doutora Rita Francisco, pelo exemplo de empenho e competência.

Às minhas colegas sistémicas, pelas aprendizagens partilhadas ao longo destes dois anos de viagem familiar e comunitária. Às minhas colegas “não sistémicas”, pelo apoio e conjugação de visões nesta “arte de lentes” que é a Psicologia.

Aos meus amigos, por acreditarem em mim e naquilo que quero ser. Àqueles com quem co-construí a minha narrativa na faculdade – a Liliana, a Sara, a Cris, a Nádia e a Bárbara – e que farão, para sempre, parte dela, e aos de sempre – o Miguel, a Ana e a Miriam – pelo afecto e inspiração contantes, por me incentivarem e ajudarem, sempre. A todos aqueles, familiares e amigos, que num momento de dor me incentivaram a continuar e a persistir.

Aos meus pais, por todo o amor e pela forma como me educaram. Ao meu pai, pelo exemplo de força, pelas palavras caladas que traduzi no olhar e nos gestos. À minha mãe, por tudo o que é, pela generosidade e doçura dos seus olhos e do seu abraço. À minha avó, Esperança, cujo nome e presença iluminou todos os que com ela se cruzaram. Obrigada pelos valores que me transmitiu e por inspirar a minha vida, e este trabalho em particular.

A todos o meu sincero Obrigado!

Resumo

O presente estudo exploratório, ancorado numa abordagem ecossistémica, foca-se no processo de transmissão intergeracional de valores e pretende compreender a relação entre o clima relacional familiar e a transmissão de valores em famílias nucleares intactas com filhos adolescentes. Participaram no estudo empírico, baseado numa abordagem quantitativa, 306 indivíduos, dos quais 204 são pais (32 e 61 anos) com filhos adolescentes e 102 são filhos adolescentes, entre os 15 e os 19 anos. A análise de resultados foi efectuada com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 18.0 for Windows*, tendo-se concluído que: a) as dimensões *Espiritualidade, Tradicionalismo e Realização Pessoal* valorizadas pela mãe predizem valores semelhantes nos adolescentes – *transmissão directa materna*; b) as dimensões *Preocupação Social e Espiritualidade* priorizadas pelo pai predizem valores semelhantes nos filhos – *transmissão directa paterna*; c) a valorização da dimensão *Realização Pessoal* pelos progenitores, especialmente pela mãe, é o mais importante preditor dos valores dos adolescentes; d) nos grupos familiares onde os níveis de Coesão e Conflito são maiores, há menor transmissão directa de valores.

São discutidas as implicações destes resultados para a prática clínica com as famílias, as limitações do estudo e pistas para a investigação futura.

Palavras – Chave: Família, Adolescência, Transmissão Intergeracional, Valores, Clima Relacional Familiar.

Abstract

The present exploratory study, anchored in a systemic and ecological perspective, focuses on the process of intergenerational transmission of values and aims to comprehend the relation between the family relational environment and the transmission of values in intact nuclear families with adolescents. The study, based on a quantitative approach, involved 291 subjects, of whom 194 are parents (32-55 years) with adolescents children and 97 are teenagers with ages between 15 and 19 years old. The data analysis was performed using the *Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 18.0 for Windows* software, and it was concluded that: a) the dimensions *Spirituality*, *Traditionalism* and *Personal Achievement* valued by mother predict similar values in adolescents - direct maternal transmission; b) the dimensions *Social Concern* and *Spirituality* prioritized by father predict similar values in teenagers - direct paternal transmission; c) valuing *Personal Achievement* dimension by parents, especially the mother, is the most important predictor of adolescents' values, d) in groups where levels of family cohesion and conflict are higher, there is less direct transmission of values.

We discuss the implications of these findings for clinical practice with families, the limitations of the study and cues for future research.

Keywords: Family, Adolescence, Intergenerational Transmission, Values, Family Relational Environment.

Índice

Introdução	1
1. Enquadramento Teórico	3
1.1. Compreensão ecossistémica do processo de transmissão intergeracional	3
1.2. Valores – um processo de co-construção	5
1.2.1. Teoria dos Valores Humanos Básicos	5
1.2.2. Valores, macrossistema e cronossistema	8
1.2.2.1. O género e a idade	9
1.2.3. O processo de transmissão de valores no microssistema	10
1.2.3.1. O contexto familiar e a rede de pares	10
1.2.3.2. Variáveis influentes na transmissão de valores entre pais e filhos	11
1.2.3.3. O processo de Diferenciação do <i>Self</i> na adolescência	15
2. Metodologia	17
2.1. O desenho da investigação	17
2.1.1. A questão inicial	17
2.1.2. O mapa conceptual	17
2.1.3. Objectivos gerais e específicos	19
2.1.4. Questões de Investigação	19
2.2. Estratégia metodológica	20
2.2.1. O processo de selecção da amostra	20
2.2.2. Caracterização da amostra	20
2.2.3. Instrumentos utilizados	21
2.2.3.1. Questionário sócio-demográfico	21
2.2.3.2. Questionário sobre os Valores Pessoais – Readaptado (QVP-R)	21
2.2.3.3. Family Environment Scale – FES	22
2.2.4. Procedimento de recolha de dados	23
2.2.5. Análise dos dados	25
3. Apresentação de Resultados	27
3.1. Análise das dimensões de valores dos pais predictoras das dimensões de valores dos filhos adolescentes, em famílias nucleares intactas	27
3.1.1. Transmissões directas	33
3.2. Análise dos Padrões Relacionais Familiares percebidos pelos filhos adolescentes	33
3.2.1. Análise Factorial da sub-escala <i>Relacional</i> da FES	33

3.2.2. Análise de <i>clusters</i> – Descrição dos três padrões relacionais familiares percebidos pelos filhos adolescentes	34
3.3. Relação entre a predição de dimensões de valores de pais para filhos adolescentes e os padrões relacionais familiares percebidos pelos adolescentes	35
3.3.1. Padrão Relacional Familiar Diferenciado	35
3.3.1.1. Transmissões directas no Padrão Relacional Diferenciado	36
3.3.2. Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado	36
3.3.2.1. Transmissões directas no Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado	38
3.3.3. Padrão Relacional Familiar Fusional	38
3.3.3.1. Transmissões directas no Padrão Relacional Familiar Fusional	39
4. Discussão	40
4.1. Predição de Valores – Dimensões de valores dos pais preditoras das dimensões de valores dos filhos adolescentes, em famílias nucleares intactas	40
4.2. Padrões Relacionais Familiares percebidos pelos filhos adolescentes	43
4.2.1. Padrão Relacional Familiar Diferenciado	44
4.2.2. Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado	46
4.2.3. Padrão Relacional Familiar Fusional	47
Conclusão	49
Referências Bibliográficas	53

Índice de Apêndices

Apêndice I – Análise de *clusters* dos padrões relacionais familiares percebidos pelos filhos adolescentes.

Apêndice II – Quadros resultantes da Análise Linear Múltipla efectuada para as famílias com um Padrão Relacional Familiar Diferenciado

Apêndice III – Quadros resultantes da Análise Linear Múltipla efectuada para as famílias com um Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado

Apêndice IV – Quadros resultantes da Análise Linear Múltipla efectuada para as famílias com um Padrão Relacional Familiar Fusional

Índice de Anexos

Anexo A – Domínios motivacionais propostos por Schwartz

Anexo B – As relações entre os dez domínios motivacionais propostos por Schwartz

Anexo C – Questionários sócio-demográfico

Anexo D – Questionário sobre os Valores Pessoais – Readaptado

Anexo E – *Family Environment Scale*

Introdução

A presente investigação¹ enquadra-se no âmbito da Psicologia da Família e pretende contribuir para a compreensão dos processos subjacentes à transmissão intergeracional de valores e padrões relacionais familiares, assim como o seu contributo para o bem-estar de pais e filhos, em famílias intactas com filhos adolescentes.

Entendendo o desenvolvimento humano como *“uma teia complexa de relações interdependentes e circulares entre sistemas que se englobam progressivamente, de um nível macro a um nível micro, constituindo um todo”* (Prioste, 2008, p. 12), este estudo alicerça-se na perspectiva da complexidade sistémica (von Bertalanffy, 1968, cit. por Jones, 2004), que salienta a circularidade, a totalidade e a complexidade das relações entre indivíduos e sistemas, e tem como lente conceptual o modelo ecossistémico de desenvolvimento humano proposto por Bronfenbrenner (1979; 1986).

O estudo sobre o processo de transmissão intergeracional de valores e padrões familiares relacionais terá de considerar a influência recíproca dos diferentes níveis sistémicos que envolvem o indivíduo e o seu sistema familiar, nomeadamente os processos intra-individuais e inter-relacionais ao nível do microsistema, tendo como pano de fundo o macrosistema – o contexto histórico e cultural das famílias com filhos adolescentes (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002).

A família de origem, ao estabelecer a primeira conexão entre o indivíduo e a sociedade, tem uma influência directa no desenvolvimento individual (Bronfenbrenner, 1986) e na co-construção de modelos parentais e conjugais (Hall, 1981; Wagner & Falcke, 2001). As representações sobre a dinâmica da família de origem, e nomeadamente sobre o clima relacional familiar, parecem ter impacto no ajustamento individual e familiar e nas relações e gerações seguintes (Conger, Cui, Bryant, & Elder, 2000; Hall, 1981).

Os valores, enquanto representações internalizadas a que o indivíduo recorre como guia para as suas acções, estabelecendo um conjunto de princípios que

¹ A investigação enquadra-se no âmbito do doutoramento de Ana Prioste, que visa estudar, em famílias com filhos adolescentes, a transmissão intergeracional de padrões relacionais e de valores, bem como o seu contributo para o bem-estar de pais e filhos. Este projecto de investigação decorre no Programa de Estudos de Doutoramento Inter-Universitário em Psicologia Clínica – Psicologia da Família e Intervenção Familiar – entre a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sendo orientado pela Prof. Doutora Isabel Narciso e pelo Prof. Doutor Miguel Gonçalves.

fundamentam as suas decisões e o sentido da vida, constituem objecto de estudo de investigadores de diferentes áreas (e.g., Bilsky, 2009; Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Rokeach, 1979; Schwartz & Bilsky, 1990). Por possibilitar a caracterização e diferenciação dos indivíduos, pela avaliação das significações e motivações subjacentes ao seu comportamento, o estudo dos valores pode contribuir para o desenvolvimento de intervenções preventivas e terapêuticas que promovam o ajustamento individual e familiar.

No presente estudo exploratório pretendemos entrecruzar estas dimensões – Clima relacional familiar percebido e Valores – e contribuir para a clarificação da relação existente entre elas, dada a escassez de estudos nacionais sobre a temática. As famílias nucleares intactas, com filhos adolescentes, constituem o objecto de análise da presente investigação, pretendendo-se, através de um recorte da amostra do estudo de doutoramento referido, investigar (a) que dimensões de valores dos pais são predictoras de que dimensões dos filhos e (b) qual a influência do padrão relacional familiar, percebido pelo adolescente, na predição de valores. Neste sentido, utilizaram-se como instrumentos de avaliação o Questionário sobre os Valores Pessoais – QVP-R (Schwartz, S. H., 1987; tradução e adaptação portuguesa: Menezes, I. & Campos, B., 1989; recriação: Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M., 2010), para avaliar o grau de importância que pais e filhos atribuem a um conjunto de valores como princípios orientadores da sua vida e a *Family Environment Scale* – FES (Moos R. H., & Moos, B. S., 1986; adaptação portuguesa: Matos, P. M., & Fontaine, A. M., 1992), para avaliar o ambiente familiar percebido pelo adolescente.

O trabalho que aqui se apresenta compreende as seguintes secções: 1) enquadramento teórico onde é apresentada a revisão de literatura sobre a temática em análise; 2) descrição do processo metodológico do estudo exploratório efectuado; 3) apresentação dos resultados obtidos, através da utilização do *Software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 18.0 for Windows*; 4) discussão dos resultados; e, finalmente, conclusão onde se inclui uma reflexão final sobre o trabalho desenvolvido, os seus principais resultados, limitações e possíveis implicações clínicas e de investigação que permitirão dar continuidade ao estudo da transmissão intergeracional.

Consideramos que esta investigação exploratória pode ser uma contribuição para um melhor entendimento sobre o processo de transmissão de valores e padrões relacionais familiares, considerando a escassez de estudos sobre esta temática em famílias portuguesas.

1. Enquadramento Teórico

1.1. Compreensão ecossistémica do processo de transmissão intergeracional

O modelo ecossistémico proposto por Bronfenbrenner (1979; 1986), pressupõe o desenvolvimento humano como um processo relacional que influencia e é influenciado por uma pluralidade de agentes socializadores – a família, o grupos de pares, os *media* e as instituições – dinamicamente conectados desde o nível microssistémico até ao nível macrossistémico, atravessado, inevitavelmente, pelo nível cronossistémico (Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*). Este todo dinâmico e funcional condiciona o processo de transmissão intergeracional, um processo circular, através do qual as gerações se influenciam recíproca e continuamente. Ou seja, o processo de transmissão intergeracional de padrões de comportamento, padrões de significação, rituais, valores, etc., apenas pode ser compreendido pela análise do nível micro (e.g., família, rede de pares), macro (sociedade) e cronossistémico (dimensão temporal), dado que a história individual e familiar é moldada pelas (e molda as) conexões sociais (Bengston, Biblarz, & Roberts, 2002; Pinquart & Silbereisen, 2004).

As relações estabelecidas no seio da família nuclear – enquanto microssistema –, na qual a criança herda e assimila um conjunto de características comportamentais, relacionais, comunicacionais, psicológicas e ideológicas, desempenham o maior grau de influência para o desenvolvimento individual (Bengston, Biblarz, & Roberts, 2002; Brofenbrenner, 1986; Pinquart & Silbereisen, 2004) promovendo, simultaneamente, a construção identitária de cada um dos seus elementos e a continuidade e manutenção da identidade familiar (Hall, 1981). Parece, assim, haver uma ponte relacional que conecta as diferentes gerações familiares.

Contudo, este micro-contexto ambiental está conectado com níveis cada vez mais abrangentes e complexos de organização social, pelo que as mudanças que ocorrem num nível do sistema vão exercer pressões nos restantes níveis sistémicos que influenciam o desenvolvimento de atitudes, comportamentos, valores, crenças e relações através da aprendizagem social, modelagem, reforços e punições (Bandura, 1969; Bronfenbrenner, 1986; Bengston, Biblarz, & Roberts, 2002). Assim, compreende-se que a complexidade deste processo de transmissão intergeracional advém da intersecção dos acontecimentos ocorridos na esfera individual e familiar com a história social, política e cultural – nível macrossistémico. Neste sentido, podemos considerar que este processo

corresponde à intersecção de acontecimentos ocorridos em duas linhas temporais distintas – por um lado, a biografia individual e familiar e, por outro, a história social – que se influenciam reciprocamente ao longo do ciclo de vida do indivíduo (Bengston, Biblarz, & Roberts, 2002).

No entretacer destas linhas temporais, a adolescência é uma etapa nodal no processo de transmissão intergeracional, uma vez que o jovem se confronta com um conjunto de mudanças complexas a nível físico, cognitivo, emocional, moral e social (Sprinthall & Collins, 2003; Steinberg & Silk, 2002), as quais implicam exigências, desafios e processos de adaptação cruciais para a construção da sua identidade. Erikson (1982) salienta a dimensão social da adolescência. Para resolver a crise desta fase da vida – identidade *versus* confusão de identidade –, o adolescente precisa de aceitar ou refutar as identificações individuais da sua infância, ao longo de um processo gradual designado por moratória psicossocial, uma fase de experimentação de tarefas do mundo adulto em que pode assumir diversos papéis até atingir a sua maturidade identitária.

Compreender o fluxo transaccional intergeracional implica, por isso, considerar a matriz relacional do adolescente e da sua família bem como as influências sistémicas sobre as quais actuam e que os influenciam.

A adolescência dos filhos – caracterizada, na sua essência, pela procura de autonomia, sem quebrar abruptamente os laços familiares e o suporte que eles lhes fornecem – é, particularmente, uma etapa familiar de grande abertura ao mundo social, exigindo a criação de um novo equilíbrio entre o individual, o familiar e o social, dada a extensão dos espaços individuais no seio familiar, e, simultaneamente, o reforço da coesão interna do sistema (Relvas, 2004). É pela renegociação das relações parento-filiais, através da flexibilização dos limites familiares de modo a integrar a progressiva independência do adolescente, e pela recentração dos pais na vida conjugal e profissional, que este equilíbrio pode ser alcançado pelo que estas são tarefas fundamentais nesta etapa do ciclo familiar (Relvas, 2004).

O grupo de pares, por possibilitar (a) o pensamento e a experimentação de valores ausentes ou incompatíveis com os valores familiares; (b) a aquisição de algum grau de conformismo face às normas e a distinção entre limites pessoais e sociais; (c) o desenvolvimento de um autoconceito positivo, assegurando ao adolescente que a sua aceitação no grupo é merecida; e (d) a experimentação e o desenvolvimento de capacidades de liderança, torna-se o grande agente socializador do jovem e garante o desenvolvimento de competências afectivas, sociais e cognitivas, assim como a

aquisição de papéis, normas e valores sociais (Relvas, 2004). A interacção privilegiada com os pares não substitui, contudo, a importância da família no desenvolvimento do adolescente já que esta continua a ocupar uma posição central nesta etapa como em todas as outras (Alarcão, 2002; Balancho, 2004; Bronfenbrenner, 1986). Deste modo, a progressiva independência e a autonomia do jovem não é sinónimo de ruptura com o sistema familiar (Relvas, 2004), podendo haver compatibilidade entre o impacto intrageracional, a influência do grupo de pares, e intergeracional, a influência parental (Lerner & Spanier, 1980).

O modelo ecológico de Bronfenbrenner (1979; 1986), ao entrecruzar os diferentes sistemas em que o indivíduo se desenvolve, pode guiar-nos na análise dos processos de transmissão e transformação intergeracional de valores, permitindo compreender a convergência ou divergência de valores ao longo das gerações, nomeadamente, entre pais e filhos adolescentes.

1.2. Valores – um processo de co-construção

1.2.1. Teoria dos Valores Humanos Básicos

Os valores podem ser entendidos como *“conceitos ou crenças acerca de comportamentos ou estados desejados que transcendem situações específicas, guiam, seleccionam ou avaliam o comportamento e os acontecimentos e estão ordenados de acordo com a sua importância relativa”* (Schwartz & Bilsky, 1990, p.878). Funcionam como princípios gerais que guiam a acção individual, permitindo preservar o sentido de identidade pessoal e conferindo coerência e continuidade aos padrões comportamentais (Caprana, Schwartz, Capanna, Vecchione, & Barbaranelli, 2006).

Cada indivíduo é, simultaneamente, orientado por valores macrossistémicos, característicos do contexto sócio-cultural em que está inserido, e pelos valores do seu microsistema – onde a família tem um papel principal –, estando, naturalmente, inscrita a singularidade da sua perspectiva pessoal (Bronfenbrenner, 1986). Neste sentido, Hermans e Oles (1993) perspectivam o indivíduo como um agente activo que, ao interpretar e alterar a sua realidade, atribui um significado próprio a cada valor, o que promove o desenvolvimento de diferentes hierarquias de valores, mediante a etapa do ciclo de vida e outras variáveis contextuais. Embora pareça existir alguma estabilidade temporal e situacional dos valores (Bilsky & Schwartz, 1994), estes podem sofrer

alterações, consoante as mudanças nos sistemas em que o indivíduo actua. Assim, a importância atribuída a cada valor é reflexo e reflector da personalidade do indivíduo, da significação que atribui às suas experiências, assim como do contexto e da cultura em que está inserido (Hermans & Oles, 1993; Prince-Gibson & Schwartz, 1998; Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*).

Os valores têm sido objecto de ampla investigação multidisciplinar (Bilsky, 2009; Schwartz & Bilsky, 1990), embora existam dificuldades inerentes ao seu estudo, como (a) a impossibilidade de observação; (b) a divergência cultural e temporal do seu conteúdo; (c) a falta de consenso e homogeneidade teóricos na explicação do modo como modelam o comportamento ou (d) as dificuldades na sua mensuração (Hitlin & Piliavin, 2004). A investigação científica na área dos valores remonta ao início do século XX com os trabalhos de Scheler e Spranger (cit. por Hermans & Oles, 1993). Outros contributos importantes foram desenvolvidos (e.g., Rokeach, 1979), mas é a Teoria dos Valores Humanos Básicos (TVHB) de Schwartz (1992, cit. Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011) aquela que reúne maior consenso na actualidade (Bilsky, 2009). Em relação ao conteúdo e função, esta teoria considera que os valores representam respostas cognitivas, individuais e sociais a três necessidades universais: (1) dos indivíduos enquanto organismos biológicos; (2) da interacção social coordenada; e (3) dos requisitos para o bem-estar e sobrevivência colectiva, que expressam, respectivamente, interesses individuais, colectivos e mistos (Bilsky, 2009; Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*).

A TVHB postula a existência de dez domínios motivacionais (Anexo A), reconhecidos em diferentes culturas e diferenciados pelos tipos de interesse e conteúdo motivacional subjacente (e.g., Bilsky, 2009; Schwartz & Bardi, 2001; Schwartz & Bilsky, 1990; Schwartz & Boehnke, 2004; Schwartz & Rubel, 2005). Os domínios motivacionais considerados são: *Auto-determinação*, *Estimulação*, *Hedonismo*, *Realização*, *Poder*, *Conformismo*, *Tradição*, *Segurança*, *Benevolência* e *Universalismo*.

Os interesses individuais são expressos através da *Auto-determinação*, que traduz a independência de acção e de pensamento e a criatividade, da *Estimulação*, que envolve a procura de desafios, novidade e excitação, do *Hedonismo*, ligado ao prazer e gratificação sensual, da *Realização*, que visa a obtenção de sucesso pessoal e de reconhecimento social, e do *Poder* que aponta para a obtenção de estatuto social e prestígio e para o controlo sobre os outros e os recursos (Bilsky, 2009; Bilsky, Janik, & Schwartz, 2010; Hitlin & Piliavin, 2004).

O *Conformismo*, ligado ao controlo dos impulsos e acções para manter a conformidade com as normas sociais, a *Tradição*, que se traduz pelo respeito e adesão aos costumes e ideologias impostas culturalmente, e a *Benevolência*, que envolve preocupações activas para obter ou preservar o bem-estar dos outros, expressam os interesses colectivos (Bilsky, 2009; Bilsky, Janik, & Schwartz, 2010; Hitlin & Piliavin, 2004).

Os interesses mistos estão representados pela *Segurança*, que visa a necessidade de estabilidade e harmonia pessoal e social, e pelo *Universalismo*, que se relaciona com as preocupações ecológicas e pró-sociais e a tolerância face às diferenças entre os indivíduos e entre as culturas (Bilsky, 2009; Bilsky, Janik, & Schwartz, 2010; Hitlin & Piliavin, 2004).

Os dez domínios motivacionais estão representados numa estrutura circular devido à sua organização num *continuum* motivacional dinâmico (Anexo B) em resultado de relações de compatibilidade e de incompatibilidade motivacional entre eles (Bilsky, 2009; Prince-Gibson & Schwartz, 1998; Bilsky, Janik, & Schwartz, 2010). Assim, a distância entre dois domínios motivacionais será tanto maior quanto maior for o grau de incompatibilidade entre as motivações que lhes estão subjacentes (Davidov, Schmidt, & Schwartz, 2008; Prince-Gibson & Schwartz, 1998).

Os valores estão também organizados em duas dimensões bipolares. A dimensão *Auto-transcendência* (Universalismo, Benevolência) Vs. *Auto-promoção* (Poder, Realização) reflecte o conflito entre o bem-estar e a aceitação dos outros como semelhantes contra a procura de sucesso individual ou o domínio sobre os outros. A dimensão *Abertura à mudança* (Auto-determinação, Estimulação) Vs. *Conservadorismo* (Segurança, Conformismo e Tradição) expressa o conflito entre o desejo de autonomia intelectual, liberdade e mudança contra a obediência, preservação das práticas tradicionais e protecção da estabilidade. O Hedonismo está relacionado, simultaneamente, com a *Abertura à mudança* e a *Auto-promoção* (Bilsky, 2009; Prince-Gibson & Schwartz, 1998; Schwartz & Bardi, 2001; Schwartz & Rubel, 2005).

Schwartz desenvolveu o Questionário sobre os Valores Pessoais (QVP) (1987; tradução e adaptação portuguesa: Menezes, I. & Campos, B., 1989; recriação: Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M., 2010), para medir a importância dos valores enquanto princípios orientadores da vida. O QVP tem sido utilizado em diversas investigações cujos resultados, para além de validarem os pressupostos da TVHB, apontam para uma concordância intercultural de valores (e.g., Davidov, Schmidt, & Schwartz, 2008).

Em Portugal, Menezes e colaboradores foram pioneiros no estudo deste instrumento. No primeiro estudo (1989), com uma amostra de 163 estudantes universitários, a estrutura psicológica de valores proposta não foi corroborada dado que apenas foram encontradas seis dimensões – *Maturidade, Social, Relacional, Hedonismo, Sucesso conformista e Manutenção da Tradição*. Num estudo transversal posterior (1991), com uma amostra mais alargada, emergiram os dez domínios motivacionais, o que parece sugerir a existência de uma estrutura de valores humanos semelhante. Para a maioria dos adultos letrados, os valores parecem, assim, estar organizados segundo uma estrutura motivacional comum que aponta para a existência dos dez domínios motivacionais propostos por Schwartz e colaboradores, bem como para as relações de compatibilidade – incompatibilidade entre eles (Davidov, Schmidt, & Schwartz, 2008; Sagiv & Schwartz, 2000; Schwartz & Rubel, 2005). Segundo Menezes e Campos (1991), esta estrutura motivacional comum poderá relacionar-se com a existência de um processo de desenvolvimento de valores, fortemente influenciado pelas diferentes tarefas do ciclo de vida com que o indivíduo se confronta ao longo da sua existência.

No estudo de validação do Questionário sobre os Valores Pessoais Readaptado (QVP-R), desenvolvido por Prioste, Narciso e Gonçalves (*in press*), emergiram oito dimensões, revestidas de coerência teórica e conceptual, que não correspondem, contudo, aos domínios considerados por Schwartz e colaboradores. A conceptualização das oito dimensões fundamentou-se na definição proposta pela TVHB e foram organizadas em dois domínios. Assim, o domínio *Hedonista* integra valores maioritariamente singulares, focados no *Eu sem os Outros* e no *Eu e os Outros*, englobando as dimensões *Aventura, Poder Social, Realização Pessoal e Equilíbrio Pessoal*. O domínio *Colectivo* remete para os valores focados na relação com o Outro – *Eu com os Outros* e *Eu e os Outros* – e reúne as dimensões *Relacional, Tradicionalismo, Preocupação Social e Espiritualidade*.

1.2.2. Valores, macrossistema e cronossistema

Dado que o processo de desenvolvimento humano ocorre *em contexto* (Bronfenbrenner, 1979; 1986), a continuidade geracional de valores ocorre não apenas através da socialização familiar, em que os pais como principais agentes socializadores da criança lhe ensinam normas, valores, comportamentos e competências sociais, mas

também por um processo de inculturação macrossistêmica e cronossistêmica através do qual diferentes valores ganham maior ou menor relevância, em diferentes momentos, pela exposição e observação da cultura da sociedade (Hynie, Lalonde, & Lee, 2006).

1.2.2.1. O gênero e a idade

A relação entre a estrutura psicológica dos valores e variáveis macro e cronossistêmicas, como o gênero e a idade, tem suscitado um interesse particular ao nível da investigação (e.g., Hitlin & Piliavin, 2004; Knafo & Spinath, 2011; Prince-Gibson & Schwartz, 1998).

Relativamente às diferenças entre sexos, verifica-se alguma falta de consenso na literatura, uma vez que alguns estudos não encontram diferenças de gênero na valorização e hierarquização de valores (e.g., Prince-Gibson & Schwartz, 1998), enquanto outros parecem indicar a sua existência. Schwartz e Rubel (2005), por exemplo, num estudo transcultural, sugerem que as mulheres guiam a sua vida por princípios relacionados com a *Benevolência*, o *Universalismo* e a *Segurança*, enquanto os homens parecem valorizar os domínios motivacionais *Poder*, *Estimulação*, *Hedonismo*, *Realização* e *Auto-determinação*. Prioste, Narciso e Gonçalves (*in press*) verificaram diferenças entre géneros nas dimensões *Relacional*, *Espiritualidade* e *Equilíbrio Pessoal*, dado que, para as mulheres que participaram no estudo, estas dimensões são mais centrais enquanto princípios guia da sua vida. A literatura sugere que a análise das diferenças entre sexos na valorização dos domínios motivacionais deve basear-se numa perspectiva evolucionista, segundo a qual homens e mulheres terão sido submetidos a pressões adaptativas diferentes que, conseqüentemente, promoveram o desenvolvimento de mecanismos cognitivos e afectivos distintos. Assim, as mulheres, por serem mais estimuladas para a relação com os outros desde o nascimento (Matlin, 1993, cit. por Prioste, Narciso & Gonçalves, *in press*), parecem desenvolver mais mecanismos adaptativos relacionais, baseados em valores relacionais, espirituais e de equilíbrio pessoal. No mesmo sentido, Hermans (1991) considera que as mulheres poderão orientar a sua vida e narrativas pessoais por motivos O, i.e., motivos centrados na união e no amor com os outros, enquanto os homens tenderão a guiar-se por motivos S, centrados na auto-valorização e na realização pessoal. Também a Teoria dos Papéis Sociais permite explicar as diferenças por considerar que as experiências desencadeadas por papéis laborais, familiares e sociais influenciam o comportamento, a identidade e os

valores dos indivíduos (Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*; Schwartz & Rubel, 2005).

A análise da literatura sugere a importância da maioria das dimensões propostas pela TVHB, ao longo do ciclo de vida (e.g., Davidov, Schmidt, & Schwartz, 2008). Ainda assim, as diferenças na valorização de determinados domínios motivacionais, consoante a idade do indivíduo, podem dever-se a diferentes significações atribuídas às dimensões, de acordo com as tarefas desenvolvimentais inerentes a cada etapa do ciclo de vida (Menezes & Campos, 1991). Prioste, Narciso e Gonçalves (*in press*), por exemplo, verificaram que as dimensões *Aventura* e *Realização Pessoal* são mais valorizadas por adolescentes e jovens adultos, o que parece sugerir a prioridade de valores pessoais destes indivíduos, por estarem mais orientados para a gratificação imediata, a auto-afirmação e a autonomia, enquanto tarefas desta fase da vida (Alarcão, 2002; Relvas, 2004).

1.2.3. O processo de transmissão de valores no microsistema

1.2.3.1. O contexto familiar e a rede de pares

Os valores individuais são, em grande parte, criados e mantidos através do processo de socialização familiar que é transmitido pelas diferentes gerações familiares (Bengston, Biblarz, & Roberts, 2002). A família nuclear é o principal palco de socialização da criança que, de acordo com Grusec e Goodnow (1994), vai internalizando os valores parentais. Este processo de aquisição de valores envolve (a) a percepção (fiel ou distorcida) dos valores dos pais e (b) a aceitação desses valores como seus. Contudo, para além da transmissão vertical, entre gerações na família, e da transmissão oblíqua, ou seja, da influência da geração anterior à dos filhos, que não os pais (e.g., avós, pares dos avós, pares dos pais), a transmissão de valores pode também ser horizontal quando a influência é exercida pela rede de pares (Phalet & Schönplflug, 2001). Particularmente na adolescência, como já referimos, as mudanças físicas, cognitivas, emocionais e sociais, potenciam a construção de um caminho centrífugo em relação à família (Relvas, 2004). Os pares tornam-se agentes socializadores importantes para o jovem, sendo que a reciprocidade simétrica desta relação pode contrastar com a autoridade assimétrica que caracteriza algumas relações parento-filiais (Bugental & Goodnow, 1998). Deste modo, a socialização parental e transmissão de valores poderá ser menos acentuada durante o período da adolescência, quando comparada com o

período de desenvolvimento anterior. A identificação com o grupo de pares, a desidealização das figuras parentais, o processo de diferenciação e o egocentrismo característicos desta etapa podem traduzir-se numa maior resistência em internalizar os valores parentais e, até, numa maior divergência (Relvas, 2004; Sprinthall & Collins, 2003; Schönflug, 2001), o que não significa, no entanto, uma ruptura com o sistema familiar (Relvas, 2004), dado o relevo dos valores e ideais parentais na formação identitária do adolescente (Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011; Knafo & Schwartz, 2004). O papel dos pais é, pois, indispensável, permitindo que o adolescente, antes de se comprometer com um sistema de valores, tenha espaço, no seio familiar, para exprimir as suas opiniões, encorajando-o a que o faça e estimulando-o a considerar aspectos adicionais e pontos de vista alternativos (Relvas, 2004). Os pais terão de adaptar a mensagem às necessidades e características do filho que, com o desenvolvimento do pensamento formal e da capacidade de argumentação, terá, agora, não apenas maior capacidade para avaliar criticamente os valores transmitidos pelos pais e para defender as suas opiniões com base num raciocínio independente (Relvas, 2004; Sprinthall & Collins, 2003; Steinberg & Silk, 2002), mas também maior capacidade de influência, introduzindo bidireccionalidade e circularidade intra e inter-sistémica no processo de transmissão de valores (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002; Hermans & Oles, 1993; Knafo & Schwartz, 2003; Knafo & Schwartz, 2004; Pinquart & Silbereisen, 2004).

1.2.3.2. Variáveis influentes na transmissão de valores entre pais e filhos

Têm sido estudados diferentes factores influentes na transmissão de valores entre pais e filhos. Relativamente ao género, parece haver uma maior influência materna no desenvolvimento dos valores, independentemente do sexo dos filhos (Balanchó, 2004; Bengtson, Biblarz & Roberts, 2002; Parke, 2002), o que poderá estar relacionado com o seu maior grau de envolvimento no cuidado e educação dos filhos, estando estes emocionalmente mais próximos da mãe (Steinberg & Silk, 2002).

A congruência de valores entre pais e filhos será tanto maior quanto mais correctamente o filho percepcione os valores parentais e os aceite como seus (Grusec & Goodnow, 1994). A atenção e a clarificação das mensagens parentais parecem promover a precisão na percepção dos valores dos pais (Knafo & Schwartz, 2003). A aceitação dos seus valores parece ser um processo mais complexo que envolve, por um lado, (a) a motivação do adolescente para identificar-se com os progenitores, fomentada

pela concordância de valores entre o casal e por uma relação afectiva próxima, caracterizada por elevada proximidade e coesão e baixos níveis de conflito, e, por outro lado, (b) a possibilidade de exploração, minimizando a ameaça à autonomia adolescente (Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011). Deste modo, a aceitação dos valores parentais pode ser entendida como uma “*propriedade relacional*” (Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011, p. 117), através da qual o adolescente pode identificar-se com os cuidadores e, simultaneamente, sentir que é estimulado a explorar e a agir de acordo com os seus interesses pessoais, o que lhe permite satisfazer duas necessidades importantes – conformidade com as expectativas e autonomia.

A transmissão familiar de valores, enquanto internalização, parece ser fortemente influenciada pela qualidade da comunicação parental sobre os valores. A consistência das mensagens parentais, i.e., a convergência entre a explicação verbal dos valores e a sua tradução comportamental, irá promover uma maior compreensão dos valores por parte dos filhos (Knafo & Schwartz, 2003), traduzindo uma parentalidade eficaz, em que as práticas parentais se constituem como uma forma privilegiada de transmitir valores. Uma relação parento-filial caracterizada pela afectividade e reciprocidade parece predizer um maior sucesso no processo de internalização dos valores parentais nos filhos (Grusec & Goodnow, 1994). Parece haver uma relação positiva entre a explicação dos comportamentos por parte dos progenitores e a internalização dos valores parentais pelas crianças (Hoffman, cit. por Spera, 2005). Deste modo, os progenitores com um estilo autoritativo, por proporcionarem um ambiente familiar afectivo e regulador, parecem ter maior sucesso na socialização dos filhos, favorecendo a transmissão e homogeneidade de valores entre ambas as gerações (Duarte, 2010; Grusec, 2002; Pinquart & Silbereisen, 2004).

A qualidade das relações familiares e o envolvimento emocional entre pais e filhos parecem ser variáveis mediadoras da eficácia do processo de transmissão de valores (e.g., Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Rudy & Grusec, 2001). O clima relacional familiar tem sido descrito como a percepção que cada elemento tem sobre o ambiente social da sua família nuclear, resultante das relações estabelecidas, da organização e controlo do sistema familiar (Moos & Moos, cit. por Vianna, Silva, & Souza-Formigoni, 2007). Um ambiente familiar funcional é caracterizado por relações intrafamiliares que promovem sentimentos de segurança, aceitação e suporte emocional entre os seus membros (Negy & Snyder, 2006), mas o modo como é percebido

constitui uma fonte significativa de diferenças individuais (Magnussam, 1981, cit. por Saucier, Wilson, & Warka, 2007).

A contribuição mais importante no âmbito do estudo do ambiente familiar foi dada por Moos e colaboradores (1976, cit. por Santos & Fontaine, 1995) que, a partir do estudo de diversos ambientes sociais, desenvolveram diferentes escalas do clima social percebido, entre as quais a *Family Environment Scale* (FES). Esta escala, concebida para “*descrever e comparar as percepções dos pais e dos filhos e examinar os meios familiares actuais e os desejados*” (Moos & Moos, 1976 cit. por Santos & Fontaine, 1995, p. 422), procura avaliar o ambiente familiar em três dimensões: *Relacional*, que enfatiza a qualidade das relações familiares, *Crescimento pessoal*, que representa os tipos de interesses, objectivos e actividades familiares e *Manutenção do sistema*, que remete para a estrutura, organização e controlo do sistema familiar². Para os objectivos da presente investigação, centramo-nos na dimensão *Relacional* que integra as sub-escalas *Coesão*, referente ao grau de compromisso, ajuda e apoio entre os membros da família, *Expressividade*, que diz respeito à expressão emocional, e seu incentivo, no seio familiar, e *Conflito*, relacionada com os conflitos, zangas e agressões entre os membros da família. A FES é o instrumento mais utilizado no estudo do clima relacional familiar (Lucey & Lam, 2012; Negy & Snyder, 2006; Santos & Fontaine, 1995).

Diversos autores têm estudado o impacto do clima relacional familiar no desenvolvimento e ajustamento individual, estando o clima relacional familiar negativo – caracterizado por baixos níveis de coesão e expressividade e elevados níveis de conflito –, associado a depressão (Jackson, Kuppens, Sheeber, & Allen, 2011), problemas de comportamento (George, Herman, & Ostrander, 2006), perturbações alimentares (Stern, Dixon, Jones, & Lake, 1989) ou risco de suicídio (Lucey & Lam, 2012), na população adolescente. Outras investigações estudaram o impacto do ambiente familiar da família de origem no ambiente familiar da família nuclear e concluíram que relações afectivas e de suporte, em que existe coesão familiar e comunicação positiva na família de origem, se relacionam positivamente com a percepção de qualidade do ambiente familiar actual (Conger, Cui, Bryant, & Elder, 2000; Feldman, Gowen, & Fisher, 1998). Por outro lado, um clima relacional conflituoso na família de origem, caracterizado por má comunicação, está positivamente correlacionado com insatisfação conjugal e conflitos posteriores (Amato & Booth,

² Para uma leitura e enquadramento mais aprofundados, *vide* Santos e Fontaine (1995).

2001; Andrews, Foster, Capaldi, & Hops, 2000; Santos, Bohon, & Sanchez-Sosa, 1998). O facto de as famílias tenderem a exercer uma forte influência para a conformidade ou continuidade comportamental e para a adopção de modelos, crenças e valores semelhantes por todos os seus membros, assim como a tendência para a cristalização de determinados padrões de interacção familiar, ao longo do tempo, que são, frequentemente, reproduzidos de geração em geração (Hall, 1981; Wagner & Falcke, 2001), parece ir ao encontro destas conclusões.

A literatura científica parece convergir no sentido de considerar a importância do carinho, protecção e responsividade parental para o processo de transmissão de valores, dado que, numa relação com qualidade emocional, promotora de proximidade relacional e afecto, os filhos parecem ficar mais atentos ao comportamento dos pais, havendo maior probabilidade de percepcionarem adequadamente e aceitarem como seus os valores transmitidos pelos pais (Grusec & Goodnow, 1994; Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Taris, Semin, & Bok, 1998; Taris, 2000).

Um clima relacional familiar positivo, caracterizado por equilíbrio entre a individuação e união familiar e por uma comunicação de qualidade, promotoras da assertividade e autonomia do adolescente, parece estar associado a uma maior flexibilidade na negociação e resolução de divergências familiares, sendo menos frequentes os conflitos entre pais e filhos (Taris, Semin, & Bok, 1998). Deste modo, as relações parento-filiais caracterizadas por elevados níveis de suporte emocional, afecto, vinculação segura, boa qualidade da comunicação, compreensão e respeito mútuo estão associadas à continuidade intergeracional de valores entre pais e filhos (Bengston, Biblarz, & Roberts, 2002; Taris, Semin, & Bok, 1998).

Jacinto (2010), num estudo qualitativo que permitiu aceder a algumas das significações de famílias portuguesas com filhos adolescentes sobre o processo de co-construção de valores, verificou que pais e filhos enfatizam a qualidade e investimento na relação familiar como uma variável crucial para a continuidade de valores entre gerações. Esta variável parece ser ainda mais relevante para os filhos, o que sugere que os adolescentes compreendem a transmissão de valores segundo uma perspectiva relacional afectiva.

1.2.3.3. O processo de Diferenciação do *Self* na adolescência

Como vimos, a adolescência é caracterizada pelo processo de formação identitária e pela construção de um sistema de valores que assume grande relevância na coerência e consistência do *self* (Erikson, 1982; Knafo & Schwartz, 2004; Steinberg & Silk, 2002). O conceito de Diferenciação do *Self*, introduzido por Bowen na Teoria dos Sistemas Familiares (1978, cit. por Hall, 1981), pode ajudar-nos a compreender o processo de transmissão de valores na família, e a eventual *diferenciação* do adolescente em relação ao sistema familiar, dado que integra o equilíbrio entre as capacidades dos sistemas *emocional* e *intelectual* e a gestão entre um nível adequado de autonomia e de intimidade relacional.

A nível *intra-individual*, a Diferenciação do *Self* envolve a capacidade de distinguir os sistemas *emocional* e *intelectual* e, conseqüentemente, de escolher entre ser guiado pelas emoções ou pela racionalidade (Hall, 1981; Nichols & Schwartz, 2007). Assim, indivíduos mais diferenciados terão maior capacidade para distinguir os processos emocionais dos intelectuais, de regular as suas emoções, de pensar claramente sob *stress* ou de lidar com a incerteza. No sentido oposto, indivíduos indiferenciados terão maior tendência para a fusão dos dois sistemas, sendo mais reactivos emocionalmente e manifestando maiores índices de *distress* (Skowron & Friedlander, 1998), dadas as dificuldades de equilíbrio emocional e a avaliação irrealista sobre o *Self* e os outros (Kerr, 1981). Estudos com a população adolescente sugerem que maiores níveis de Diferenciação do *Self* estão relacionados com a capacidade para gerir a ansiedade e resolver problemas e com baixos níveis de sintomatologia psicológica (Knauth & Skowron, 2004).

A nível *inter-pessoal*, a Diferenciação do *Self* envolve a capacidade de preservar a autonomia em relações íntimas. Neste sentido, indivíduos com maior diferenciação estabelecem um certo grau de autonomia nas suas relações, mantendo um sentido sólido do *Self*, sem experienciarem medo de abandono e/ou fusão relacional, que conduz à perda do sentido identitário.

Nesta perspectiva, a Diferenciação do *Self* constitui-se como uma variável fulcral para o desenvolvimento e funcionamento saudável do indivíduo e da família. Bowen (1987, cit. por Hall) considera que a Diferenciação do *Self* é transmitida de geração em geração – processo de transmissão multigeracional. Apesar do nível de diferenciação do filho poder ser semelhante ao dos progenitores, o modo como se

manifesta pode variar, consoante a existência de agentes stressores e de factores que os atenuem (e.g., suporte familiar, valores, recursos) (Klever, 2005).

As tarefas desenvolvimentistas da adolescência, particularmente, por promoverem a necessidade de individuação e autonomia (Relvas, 2004; Sprinthall & Collins, 2003), podem acentuar a necessidade de diferenciação emocional do adolescente em relação à família de origem, sem romper as relações significativas. Todavia, a ambiguidade no equilíbrio entre individuação e vinculação pode dificultar o processo de diferenciação e reflectir-se numa eventual fusão emocional com os outros significativos ou, no sentido inverso, no distanciamento inter-pessoal, quando a intimidade excessiva que é percebida como ameaça (Hall, 1981).

2. Metodologia

2.1. O desenho da investigação

Por considerarmos que a realidade existe mas, dada a sua complexidade, apenas é passível de ser apreendida de um modo imperfeito e probabilístico, a presente investigação³ enquadra-se no paradigma Pós-Positivista (Guba & Lincoln, 1994).

A investigação alicerça-se numa abordagem quantitativa, sendo a amostra deste estudo exploratório um recorte da amostra do estudo de doutoramento já referido, com famílias com filhos adolescentes, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos. Os constructos e as variáveis-chave foram conceptualizados através de um desenho descritivo.

2.1.1. A questão inicial

A presente investigação foi construída tendo por base a seguinte questão inicial: *“Que dimensões de valores dos pais são predictoras das dimensões valorizadas pelos filhos adolescentes, e como se relaciona a percepção que os filhos adolescentes possuem sobre clima relacional da sua família com a predição de valores de pais para filhos, em famílias nucleares intactas?”*

2.1.2. O mapa conceptual

A elaboração da questão inicial permitiu o desenho de um quadro conceptual que representa graficamente as variáveis individuais e as relações entre elas que se pretendem investigar neste estudo, a fim de contribuir para a clarificação do processo de transmissão intergeracional de valores e de padrões relacionais familiares.

³Recordamos que a presente investigação se enquadra num estudo mais vasto no âmbito do doutoramento de Ana Prioste, que visa estudar a transmissão intergeracional de dimensões relacionais e de valores, bem como o seu contributo para o bem-estar de pais e filhos, em famílias com filhos adolescentes. Este projecto de investigação decorre no Programa de Estudos de Doutoramento Inter-Universitário em Psicologia Clínica – Psicologia da Família e Intervenção Familiar – entre a Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa e a Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, sendo orientado pela Prof. Doutora Isabel Narciso e pelo Prof. Doutor Miguel Gonçalves.

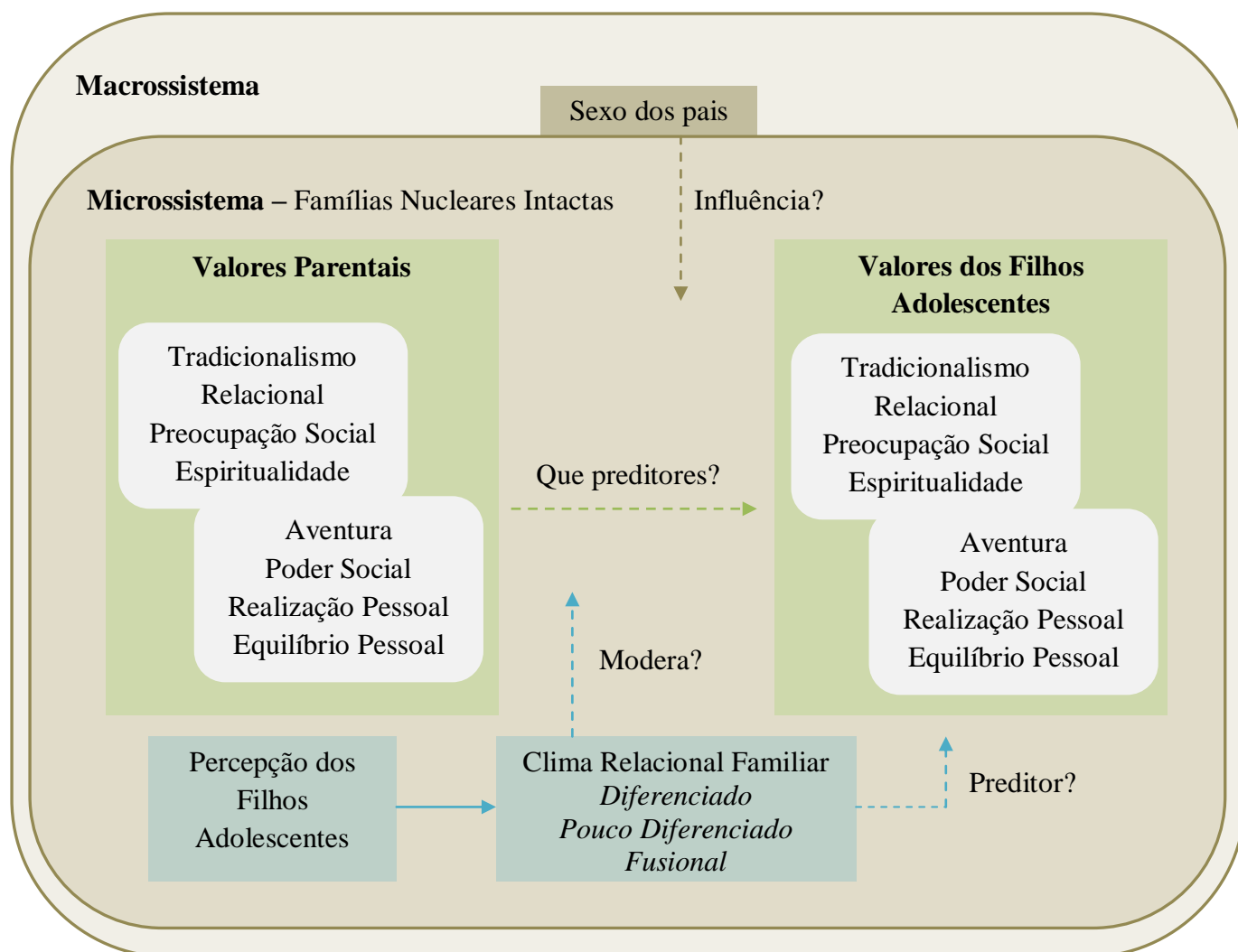


Figura 1. Mapa conceitual do estudo quantitativo exploratório.

Adoptando o modelo ecológico proposto por Bronfenbrenner (1979; 1986) como lente conceitual, no presente estudo exploratório consideramos o *microssistema* – famílias nucleares intactas com filhos adolescentes, entre os 15 e os 19 anos – como o contexto de análise primordial, sem ignorar a influência do *macrossistema* no processo de transmissão intergeracional de valores. As dimensões dos valores humanos, obtidas através do estudo factorial do QVP-R⁴ (Schwartz, S. H., 1987; tradução e adaptação: Menezes, I. & Campos, B. 1989; recriação: Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M., *in press*), e da sub-escala *Relacional* da FES⁵ (Moos, R., & Moos, B., 1986; adaptação portuguesa: Matos, P. M., & Fontaine, A. M., 1992), são alvo de análise, assim como a influência e relações que se estabelecem entre elas.

⁴ Para uma descrição do instrumento, vide 2.2.3.2. Questionário sobre os Valores Pessoais – Readaptado (QVP-R).

⁵ Para uma descrição do instrumento, vide 2.2.3.3. Family Environment Scale (FES).

Realçamos que as características metroológicas do instrumento utilizado para aceder à percepção do adolescente quanto ao clima relacional da sua família – sub-escala *Relacional* da FES, cuja análise factorial (AF) permitiu diferenciar duas dimensões: *Coesão e Conflito* –, nos levaram a distinguir os padrões relacionais familiares como *Diferenciado*, *Pouco Diferenciado* ou *Fusional*, suportando-nos na Teoria dos Sistemas Familiares de Bowen, já referida na secção 1.2.2.3. deste trabalho.

2.1.3. Objectivos gerais e específicos

O nosso estudo pretende contribuir para o enriquecimento e desenvolvimento dos conhecimentos na área da transmissão intergeracional. Os objectivos centrais desta investigação consistem em: (1) investigar quais as dimensões de valores parentais que são predictoras das dimensões de valores dos filhos adolescentes, entre os 15 e os 19 anos, e (2) analisar a relação existente entre a percepção dos padrões relacionais familiares, por parte dos filhos adolescentes, e os valores preditos pelos pais, em famílias nucleares intactas.

Partindo destes objectivos centrais, definimos os seguintes objectivos específicos: (a) analisar quais as dimensões de valores da mãe que predizem as dimensões de valores do filho adolescente; (b) analisar quais as dimensões de valores do pai que predizem as dimensões de valores do filho adolescente; (c) investigar se a predição de valores difere em função da variável sexo dos pais; (d) aceder à percepção do adolescente quanto ao clima relacional da sua família de origem, investigando de que forma o padrão relacional familiar percebido modera a predição de valores de pais para filhos; (e) verificar se o padrão relacional familiar, percebido pelo adolescente, é predictor de dimensões de valores específicas dos filhos adolescentes, pertencentes a famílias nucleares intactas.

2.1.4. Questões de Investigação

A revisão de literatura e os objectivos traçados para a investigação orientam este estudo exploratório que integra as seguintes questões de investigação:

“Que valores dos pais são preditores de que valores dos filhos adolescentes, pertencentes a famílias nucleares intactas?”

“Que padrões relacionais familiares, percebidos pelo adolescente, são preditores de que valores dos filhos?”

“Os padrões relacionais familiares, percebidos pelo adolescente, moderam a transmissão de valores de pais para filhos?”

2.2. Estratégia metodológica

2.2.1. O processo de selecção da amostra

O processo de amostragem que seguimos neste estudo é um processo não probabilístico, designado de amostragem por conveniência e o método utilizado foi o efeito “*bola de neve*” (Maroco, 2007). A amostra deste estudo corresponde a um recorte da amostra do estudo de doutoramento referido anteriormente. Assim, de uma amostra de 904 participantes de pais com filhos adolescentes entre os 15 e os 19 anos, e de adolescentes entre os 15 e os 19 anos, pertencentes a famílias de vários tipos (e.g., nucleares intactas, monoparentais, reconstituídas), foi seleccionado um N de 306 indivíduos, correspondente a 102 famílias. Como critério de inclusão foi estabelecido o tipo de família do participante ser nuclear intacta. Deste modo, foram excluídas as famílias em que, pelo menos, um dos pais ou o filho não participou no estudo. Os participantes colaboraram voluntariamente nesta investigação, tendo sido garantido o anonimato e a confidencialidade dos dados.

2.2.2. Caracterização da amostra

A amostra deste estudo é composta por pais e por filhos adolescentes, integrados em famílias nucleares intactas com filhos adolescentes dos 15 aos 19 anos. Participaram 306 indivíduos (N=306), dos quais 204 são pais com filhos adolescentes e 102 são filhos adolescentes.

No que respeita à caracterização da amostra dos pais, de acordo com as variáveis sócio-demográficas consideradas, verifica-se que 102 participantes são do sexo masculino (50.0%) e igualmente 102 do sexo feminino (50.0%), de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 32 e os 61 anos (M=46.32; DP=4.21). Relativamente à zona de residência, os participantes estão distribuídos pela área de Lisboa e Vale do Tejo (40.7%), Norte (36.3%) e Centro (18.6%) do país. Relativamente ao nível de escolaridade, 32.8% tem o ensino superior concluído e 27.9% tem entre 10 e

12 anos de escolaridade. A maioria nunca teve acompanhamento psicológico ou psiquiátrico (85.3%) e não tem problemas de saúde físicos (80.9%).

Em relação à caracterização da amostra dos filhos, de acordo com as variáveis sócio-demográficas consideradas, verifica-se que 48 participantes são do sexo masculino (47.4%) e 54 do sexo feminino (52.6%), de nacionalidade portuguesa, com idades compreendidas entre os 15 e os 19 anos (com idade média de 16.7 anos e desvio padrão de 1.48). A maioria dos participantes (78.4%, N=80) reside na área da Grande Lisboa (42.3%, N=43) e no Norte do país (36.1%, N=37). Ao nível da escolaridade, 57.8% (N=59) da amostra tem entre 10 a 12 anos de escolaridade e 22.7% (N=23) frequenta o ensino universitário. A maioria nunca teve acompanhamento psicológico ou psiquiátrico (81.4%) e não tem problemas de saúde físicos (88.2%).

2.2.3. Instrumentos utilizados

No presente estudo exploratório foram utilizados os seguintes instrumentos: o Questionário sócio-demográfico (vide Anexo C), o Questionário sobre os Valores Pessoais – QVP-R (Schwartz, S., 1987; tradução e adaptação portuguesa: Menezes, I. & Campos, B., 1989; recriação: Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M., 2010) (vide Anexo D) e a *Family Environment Scale* – FES (Moos, R., & Moos, B., 1986; adaptação portuguesa: Matos, P. M., & Fontaine, A. M., 1992) (vide Anexo E).

2.2.3.1. Questionário sócio-demográfico

O *Questionário sócio-demográfico* é constituído por questões de resposta rápida, distribuídas por dois grupos temáticos: dados pessoais e dados familiares. No primeiro grupo, encontram-se as questões que informam sobre a caracterização sócio-demográfica do participante (e.g., sexo, idade, profissão, nível de escolaridade, zona de residência habitual, estado civil e religiosidade), a sua saúde física e psicológica e a composição do seu agregado familiar. O segundo grupo envolve questões relativas à família de origem (e.g., situação relacional dos pais, idade dos pais) e à família actual (e.g. quantos filhos tem, idades e sexo dos filhos) do participante.

2.2.3.2. Questionário sobre os Valores Pessoais – Readaptado (QVP-R)

Os valores individuais são medidos através do *Questionário sobre os Valores Pessoais – R* (QVP-R) (Schwartz, S., 1987; tradução e adaptação portuguesa: Menezes,

I. & Campos, B., 1989; recriação: Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M., 2010). Partindo da questão "*Que valores são importantes como princípios que orientam a minha vida, e que valores são menos importantes para mim?*", este instrumento avalia a importância de um conjunto de valores enquanto princípios orientadores da vida do indivíduo. A versão recriada por Prioste, Narciso e Gonçalves (2010), é composta por 63 itens em que é apresentado o valor e a respectiva definição, a fim de diminuir a subjectividade semântica na sua interpretação. É pedido ao participante que se posicione face a cada valor, de acordo com o grau de importância que lhe atribui como princípio orientador da sua vida, através de uma escala de *Likert* de 6 pontos, desde (1) "*Sem importância*" a (6) "*Importância fundamental*".

Os 63 itens estão distribuídos por oito factores que emergiram da Análise Factorial Exploratória (AFE). As oito dimensões foram organizadas em dois domínios motivacionais – *Hedonista* e *Colectivo* – e a sua conceptualização baseou-se na definição dos dez domínios motivacionais propostos pela Teoria dos Valores Humanos Básicos (Schwartz, 1992, cit. por Davidov, Schmidt, & Schwartz, 2008). O domínio *Hedonista* integra as dimensões *Aventura* ($\alpha = .70$), *Poder Social* ($\alpha = .70$), *Realização Pessoal* ($\alpha = .76$) e *Equilíbrio Pessoal* ($\alpha = .74$), e o domínio *Colectivo* engloba as dimensões *Relacional* ($\alpha = .86$), *Tradicionalismo* ($\alpha = .80$), *Preocupação Social* ($\alpha = .73$) e *Espiritualidade* ($\alpha = .68$). O estudo da consistência interna dos dois domínios – *Colectivo* ($\alpha = .882$) e *Hedonista* ($\alpha = .896$) – revelou valores bastante adequados.

2.2.3.3. Family Environment Scale – FES

A *Family Environment Scale* (FES) (Moos, R., & Moos, B., 1986; adaptação portuguesa: Matos, P. M., & Fontaine, A. M., 1992) é utilizada para avaliar o ambiente familiar percebido (Lucey & Lam, 2012; Santos & Fontaine, 1995). A escala é composta por 90 itens que procuram avaliar o ambiente familiar em três dimensões: *Relacional*, que enfatiza a qualidade das relações familiares, *Crescimento pessoal*, que representa os tipos de interesses, objectivos e actividades familiares e *Manutenção do sistema*, que remete para a estrutura, organização e controlo do sistema familiar. Cada uma das dimensões é composta por diferentes sub-escalas⁶. É pedido ao participante que

⁶A FES é composta por dez sub-escalas, cada uma com nove itens, onde se procuram avaliar três dimensões: *Relacional*, *Crescimento pessoal* e *Manutenção do sistema*. A dimensão *Relacional* engloba três sub-escalas: *Coesão*, relacionada com o grau de compromisso, ajuda e apoio entre os membros da

se posicione face a cada afirmação (e.g., “*Na minha família ajudamo-nos uns aos outros*”), de acordo com o modo como percebe as suas relações familiares com as pessoas com quem vive na actualidade, através de uma escala de *Likert* de 6 pontos, desde (1) “*Discordo totalmente*” a (6) “*Concordo totalmente*”. A FES pode ser apresentada em três formatos: (i) forma real (Forma R), (ii) forma ideal (Forma I) e (iii) forma expectativa (Forma E) (Lucey & Lam, 2012; Santos & Fontaine, 1995). No nosso estudo, pretendemos avaliar a percepção do adolescente sobre o clima relacional familiar actual, pelo que apenas foi utilizada a Forma R e a análise de resultados vai centrar-se na dimensão *Relacional*.

No estudo de validação da escala completa da FES (Santos & Fontaine, 1995), com uma amostra portuguesa de crianças e pré-adolescentes, foram extraídos dois factores – *Famílias Refúgio* ($\alpha = .85$) e *Famílias orientadas para o exterior* ($\alpha = .70$) – com níveis adequados de consistência interna.

2.2.4. Procedimento de recolha de dados

Para a realização deste estudo exploratório foram utilizados dois protocolos – versão pais com filhos adolescentes⁷ e versão filhos adolescentes⁸. Cada protocolo

família, *Expressividade*, respeitante à expressão emocional, e seu incentivo, no seio familiar e *Conflito*, referente aos conflitos, zangas e agressões entre os membros da família. A dimensão *Crescimento pessoal* abarca cinco sub-escalas: *Independência*, que avalia até que ponto os elementos da família são assertivos, auto-suficientes e tomam as suas próprias decisões, *Orientação para o sucesso*, que avalia até que ponto as actividades (e.g., escola, trabalho) são incluídas numa orientação para o sucesso, *Orientação intelectual-cultural*, que avalia o grau de interesse por actividades políticas, sociais, intelectuais e culturais, *Orientação para as actividades recreativas*, relacionada com a participação em actividades recreativas e *Orientação moral e religiosa*, que avalia a ênfase dada a questões éticas e religiosas. A dimensão *Manutenção do sistema* envolve duas sub-escalas: *Organização*, alusiva ao grau de importância de organização e estrutura no planeamento das actividades familiares, e *Controlo*, que avalia o conjunto de regras e procedimentos utilizados para gerir a vida familiar (Lucey & Lam, 2012; Santos & Fontaine, 1995; Vianna, Silva, & Souza-Formigoni, 2007).

⁷ Dado que a presente investigação esteve integrada no âmbito de estudo de doutoramento mais vasto, o protocolo pais com filhos adolescentes, era composto por nove instrumentos: Questionário sócio-demográfico, Questionário sobre os Valores Pessoais (Schwartz, S., 1987; tradução e adaptação portuguesa: Menezes, I. & Campos, B., 1989; recriação: Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M., 2010), DSI – R (Skowron & Friedlander, 1998; tradução e adaptação: Ferreira, Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2010), FES (Rudolf, M. & Bernice, M., 1986; adaptação portuguesa: Matos, P. & Fontaine, A., 1992), EMBU – P (Castro, J., 1993; versão portuguesa: Canavarro, M., Pereira, A., & Canavarro, J., 2005),

continha, primeiramente, uma folha de consentimento informado, que clarificava os objectivos do estudo, assegurava o anonimato dos participantes e a confidencialidade dos dados, para além de agradecer a colaboração na investigação.

Os dados foram recolhidos através de um processo de amostragem não probabilístico, designado de amostragem por conveniência, tendo-se recorrido a dois tipos de procedimentos: (a) *formal*, no qual foi pedida a colaboração da Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (APFN), pelo envio dos protocolos, por correio, às famílias sócias que anuíram a participação voluntária, com um envelope pré-pago para devolução dos protocolos (18,6% da amostra) e (b) *informal*, através de um método designado como “bola-de-neve” (Maroco, 2007), que permitiu a distribuição de protocolos por diversos agregados familiares que obedeciam aos critérios de inclusão no estudo (81,4% da amostra).

Os protocolos foram aplicados durante os anos lectivos de 2009/2010 e 2010/2011. O preenchimento do protocolo integral teve a duração média de 70 minutos para a versão pais com filhos adolescentes, e de 50 minutos para a versão adolescentes.

Os participantes colaboraram voluntariamente, sob consentimento informado, e sem qualquer remuneração.

Questionário sobre a Percepção dos Valores da Família de Origem (Schwartz, S.; tradução e adaptação: Menezes, I. & Campos, B., 1989; recriação: Prioste, Narciso, & Gonçalves, 2010), FES - versão reduzida - (Rudolf, M. & Bernice, M., 1986; adaptação portuguesa: Matos, P. & Fontaine, A., 1992), EMBU (Perris, C., Jacobsson, L., Lindstrom, H., Von Knorring, L., & Perris, H., 1984; versão portuguesa: Canavarro, M., 1996), BSI (Derogatis, L., 1993; versão portuguesa: Canavarro, M., 1995).

⁸O protocolo dos filhos adolescentes era composto por seis instrumentos: Questionário sócio-demográfico, Questionário sobre os Valores Pessoais (Schwartz, S., 1987; tradução e adaptação portuguesa: Menezes, I. & Campos, B., 1989; recriação: Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M., 2010), DSI – A (Skowron & Friedlander, 1998; versão portuguesa: Prioste, Ferreira, Narciso, Novo, & Gonçalves, 2010), FES (Rudolf, M. & Bernice, M., 1986; adaptação portuguesa: Matos, P. & Fontaine, A., 1992), EMBU (Perris, C., Jacobsson, L., Lindstrom, H., Von Knorring, L., & Perris, H., 1984; versão portuguesa: Canavarro, M., 1996), BSI (Derogatis, L., 1993; versão portuguesa: Canavarro, M., 1995).

2.2.5. Análise dos dados

Após o recorte da amostra do estudo de doutoramento, a análise de resultados da presente investigação exploratória foi efectuada na sua totalidade com recurso ao *software Statistical Package for Social Sciences (SPSS) 18.0 for Windows*.

Numa primeira fase, foi realizada a análise estatística descritiva das amostras em estudo, com o objectivo de as caracterizar, de acordo com os dados recolhidos pelo questionário sócio-demográfico. Cada item do questionário foi analisado em relação à frequência, percentagem, variância, média, mediana, desvio-padrão e o valor máximo e valor mínimo.

Numa segunda fase, a partir das dimensões de valores humanos propostas pelos resultados da AF efectuada no estudo de validação do QVP-R⁹ (Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*), realizou-se uma Regressão Linear Múltipla (Field, 2009; Maroco, 2007), a fim de obter um modelo parcimonioso que permitisse prever que dimensões de valores parentais são predictoras dos domínios motivacionais valorizados pelos filhos adolescentes. Na análise das dimensões parentais e maternais predictoras das dimensões de valores dos filhos, foi feita uma diferenciação entre a *transmissão directa* (e.g., Relacional da Mãe, como preditora, Relacional do Filho, como predita) da *transmissão indirecta* (e.g., Relacional do Pai, como preditora, Tradicionalismo do Filho, como predita). A opção tomada pela diferenciação do tipo de transmissão permite uma análise e reflexão mais rigorosa dos resultados.

Num terceiro momento, efectuou-se uma AF, *Principal Axis Factoring*, à sub-escala *Relacional* da FES (Moos, R., & Moos, B., 1986; adaptação portuguesa: Matos, P. M., & Fontaine, A. M., 1992), que permitiu a identificação de duas dimensões: *Coesão e Conflito*. O estudo da consistência interna das dimensões revelou valores adequados (*Coesão* $\alpha = .827$ e *Conflito* $\alpha = .704$).

Para aceder à tipologia dos padrões relacionais familiares efectuou-se, posteriormente, uma análise de *clusters* com as duas dimensões encontradas, recorrendo ao método não hierárquico *K-means*, o que permitiu a extracção de três *clusters*. Com o

⁹ Relembramos que análise factorial exploratória desenvolvida no estudo de Prioste, Narciso e Gonçalves (*in press*), possibilitou a extracção de oito factores, com níveis bastante adequados de consistência interna. As dimensões de valores foram organizadas em dois domínios: o *Hedonista* engloba as dimensões *Aventura, Poder Social, Realização Pessoal e Equilíbrio Pessoal* e o *Colectivo* reúne as dimensões *Relacional, Tradicionalismo, Preocupação Social e Espiritualidade*.

objectivo de uma melhor interpretação dos *clusters* obtidos, recorreu-se à Análise de Variâncias (ANOVA) e ao Teste de Duncan, para comparar as médias das sub-escalas utilizadas.

Foram estabelecidos critérios de identificação dos *clusters*: as famílias com um padrão relacional familiar *Diferenciado* são aquelas que apresentam valores médios na dimensão *Coesão* e na dimensão *Conflito*; as famílias com um padrão relacional familiar *Pouco Diferenciado* são aquelas que apresentam tendencialmente valores elevados na dimensão *Coesão* e na dimensão *Conflito*; e as famílias com um padrão relacional familiar *Fusional* são aquelas que apresentam valores muito elevados em ambas as dimensões, *Coesão* e *Conflito*.

Seguidamente, efectuou-se uma nova Regressão Linear Múltipla para estudar a predição das dimensões de valores valorizadas pelos pais nas dimensões de valores priorizadas pelos filhos adolescentes, considerando a influência do padrão relacional familiar, tal como é percebido pela geração mais nova. Distinguiu-se, novamente, a *transmissão directa* da *transmissão indirecta*, com o intuito de alcançar um maior rigor na análise e uma reflexão mais rigorosa dos resultados das predições.

Salientamos que a diferenciação entre *transmissão directa* e *indirecta* foi efectuada com o intuito de nos permitir uma análise e reflexão mais finas do processo intergeracional de co-construção de valores entre pais e filhos. Subjacente ao processo de *transmissão directa* está a propriedade sistémica da *equifinalidade*; no processo de *transmissão indirecta* está implícita a propriedade de *multifinalidade*. Neste trabalho, tomou-se a opção de aprofundar mais a reflexão em torno dos resultados que indiciam a *transmissão directa*. Esta opção foi tomada porque a *transmissão indirecta*, apesar de ser multideterminada, leva-nos a hipotetizar que, quando uma determinada dimensão dos filhos, por exemplo, a dimensão *Relacional*, é predita por outras dimensões do pai ou da mãe (e.g., *Tradicionalismo*, *Equilíbrio Pessoal*), estas outras dimensões possam predizer a dimensão *Relacional* do pai ou mãe.

3. Apresentação de Resultados

3.1. Análise das dimensões de valores dos pais preditoras das dimensões de valores dos filhos adolescentes, em famílias nucleares intactas

Em função dos objectivos que definimos para a presente investigação, optámos por analisar, num primeiro momento, quais os domínios motivacionais parentais possivelmente preditores dos domínios motivacionais dos filhos adolescentes, através de uma regressão linear múltipla. Esta técnica pareceu-nos adequada para o nosso estudo, dado que, ao modelar relações entre variáveis, permite predizer o valor de uma variável dependente, neste caso o domínio motivacional do filho, a partir de um conjunto de variáveis independentes (ou preditoras), que correspondem, no nosso estudo, às dimensões valorizadas pelos pais (Field, 2009; Maroco, 2007). Recorrendo ao método “*forced entry*” (Field, 2009), para cada domínio motivacional do adolescente, foram seleccionadas, em simultâneo, as oito dimensões de valores parentais como possíveis preditoras. As dimensões de valores parentais que se revelaram preditoras significativas ($p < .05$) das dimensões de valores dos filhos adolescentes são apresentadas em seguida, num modelo final mais parcimonioso.

Relacional

O quadro 1 resume os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Relacional* dos filhos adolescentes. Os resultados indicam que apenas a dimensão *Preocupação Social* da **mãe** ($\beta = -.35$, $p < .05$) prediz significativa e negativamente esta dimensão, correspondendo a 20% da variância e a uma *transmissão indirecta materna*.

Quadro 1

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Relacional nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Preocupação Social</i>	-0.33	0.13	-.35*
R ²		.20	
F		1.33	

Nota: * $p < .05$

Tradicionalismo

O quadro 2 resume os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Tradicionalismo* dos filhos adolescentes. Os resultados permitem explicar 29% da variância, para a qual contribuem os domínios motivacionais *Tradicionalismo* ($\beta = .36$, $p < .05$), *Realização Pessoal* ($\beta = .44$, $p < .05$), *Preocupação Social* ($\beta = -.40$, $p < .05$) e *Equilíbrio Pessoal* ($\beta = -.28$, $p < .05$) da **mãe**. Os domínios *Preocupação Social* e *Equilíbrio Pessoal*, quando valorizados pela **mãe**, predizem negativamente a valorização do *Tradicionalismo* pelo adolescente. Os resultados apontam para a *transmissão directa e indirecta* maternas da dimensão *Tradicionalismo*.

Quadro 2

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Tradicionalismo nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Tradicionalismo</i>	0.43	0.20	.36*
<i>Preocupação Social</i>	-0.42	0.13	-.40*
<i>Realização Pessoal</i>	0.49	0.17	.44*
<i>Equilíbrio Pessoal</i>	-0.35	0.17	-.28*
R ²		.29	
F		2.14	

Nota: * $p < .05$

Preocupação Social

O quadro 3 resume os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Preocupação Social* dos filhos adolescentes. Os resultados permitem explicar 24% da variância, para a qual contribuem o domínio motivacional *Realização Pessoal* ($\beta = .34$, $p < .05$) valorizado pela **mãe**, e o domínio motivacional *Preocupação Social* ($\beta = .33$, $p < .05$), valorizado pelo **pai**. Os resultados apontam para que a dimensão *Preocupação Social* possa ser transmitida *directamente* pelo pai e *indirectamente* pela mãe.

Quadro 3

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Preocupação Social nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	B
Mãe			
<i>Realização Pessoal</i>	0.46	0.21	.34*
Pai			
<i>Preocupação Social</i>	0.32	0.14	.33*
R ²		.24	
F		1,61	

Nota: *p < .05

Espiritualidade

O quadro 4 resume os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Espiritualidade* dos filhos adolescentes. Os resultados permitem explicar 38% da variância, para a qual contribui o domínio motivacional *Espiritualidade* valorizado quer pela **mãe** ($\beta = .29, p < .05$), quer pelo **pai** ($\beta = .33, p < .05$). A *Espiritualidade* do adolescente é predita negativamente pela *Preocupação Social* ($\beta = -.32, p < .05$) da **mãe** e pelo *Tradicionalismo* ($\beta = -.43, p < .05$) do **pai**. Os resultados apontam para que a dimensão *Espiritualidade* possa ser transmitida *directamente e indirectamente* por ambos os progenitores.

Quadro 4

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Espiritualidade nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	B
Mãe			
<i>Espiritualidade</i>	0.35	0.14	.29*
<i>Preocupação Social</i>	-0.49	0.18	-.32*
Pai			
<i>Espiritualidade</i>	0.32	0.12	.33*
<i>Tradicionalismo</i>	-0.70	0.26	-.43*
R ²		.38	
F		3.21	

Nota: *p < .05

Aventura

O quadro 5 resume os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Aventura* dos filhos adolescentes. Verificamos que apenas a dimensão *Realização Pessoal* ($\beta = .32, p < .05$) do **pai** se revelou como preditora significativa da valorização do domínio *Aventura* pelos filhos, correspondendo a 24% da variância. Os resultados apontam para que a dimensão *Aventura* dos filhos seja transmitida *indirectamente* pelo pai.

Quadro 5

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Aventura nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Pai			
<i>Realização Pessoal</i>	0.39	0.18	.32 *
R ²		.24	
F		1.67	

Nota: *p < .05

Poder Social

O quadro 6 resume os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Poder Social* dos filhos adolescentes. Verificamos que apenas a dimensão *Realização Pessoal* ($\beta = .35, p < .05$) da **mãe** se revelou como preditora significativa da valorização do domínio *Poder Social* pelos filhos, correspondendo a 24% da variância. Os resultados apontam para que a dimensão *Poder Social* seja transmitida *indirectamente* pela mãe.

Quadro 6

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Poder Social nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Realização Pessoal</i>	0.43	0.18	.35*
R ²		.24	
F		1.65	

Nota: * $p < .05$

Equilíbrio Pessoal

O quadro 7 resume os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Equilíbrio Pessoal* dos filhos adolescentes. Os resultados permitem explicar 26% da variância, para a qual contribui positivamente o domínio motivacional *Realização Pessoal* ($\beta = .43, p < .05$), e negativamente os domínios *Preocupação Social* ($\beta = -.32, p < .05$) e *Espiritualidade* ($\beta = -.30, p < .05$) valorizados pela **mãe**. Os resultados apontam para que esta dimensão seja transmitida *indirectamente* pela mãe.

Quadro 7

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Equilíbrio Pessoal nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Realização Pessoal</i>	0.43	0.15	.43*
<i>Preocupação Social</i>	-0.29	0.12	-.32*
<i>Espiritualidade</i>	-0.22	0.10	-.30*
R ²		.26	
F		1.82	

Nota: *p < .05

Realização Pessoal

O quadro 8 resume os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Realização Pessoal* dos filhos adolescentes. Os resultados sugerem que apenas a dimensão *Realização Pessoal* ($\beta = .46, p < .05$) da **mãe** é preditora significativa, correspondendo a 21% da variância. Os resultados apontam para uma transmissão materna *directa* desta dimensão.

Quadro 8

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Realização Pessoal nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Realização Pessoal</i>	0.55	0.18	.46*
R ²		.21	
F		1.39	

Nota: * p < .05

Relativamente à predição de valores pela **mãe**, os resultados apresentados anteriormente indicam que as suas preocupações pró-sociais, expressas pela valorização do domínio motivacional *Preocupação Social*, predizem negativamente a valorização

das dimensões *Relacional*, *Tradicionalismo*, *Equilíbrio Pessoal* e *Espiritualidade* por parte do adolescente. Os valores tradicionais do filho são também preditos negativamente pela valorização da dimensão *Equilíbrio Pessoal* pela mãe. Ao valorizar a dimensão *Espiritualidade*, a mãe prediz negativamente a valorização do domínio motivacional *Equilíbrio Pessoal* por parte do filho.

Por outro lado, o facto de a mãe priorizar valores mais individualistas, relacionados com a *Realização Pessoal* (e.g., *Inteligência*, *Escolha de objectivos de vida*, *Competência*), prediz positivamente a escolha de dimensões relacionadas com o *Tradicionalismo*, o *Poder Social*, o *Equilíbrio Social*, a *Realização Pessoal* e a *Preocupação Social* pelo adolescente, enquanto princípios que orientam a sua vida.

Os resultados sugerem que a predição de valores por parte do **pai** é mais restrita. Quando o pai prioriza valores relacionados com a *Realização Pessoal*, o filho tende a procurar novos desafios, excitação e prazer, valorizando a dimensão *Aventura*. A valorização de valores tradicionais e conformistas, dimensão *Tradicionalismo*, pelo pai prediz a valorização da *Espiritualidade* do adolescente de forma negativa.

3.1.1. Transmissões directas

Em relação às *transmissões directas maternas* do domínio colectivo, verificamos que a *Espiritualidade* e o *Tradicionalismo*, quando priorizadas pela mãe do adolescente, predizem dimensões de valores idênticas nos filhos. Quanto ao domínio hedonista, os resultados apontam para a *transmissão directa* da *Realização Pessoal*.

No que concerne às *transmissões directas paternas*, os resultados apontam para a transmissão das dimensões *Preocupação Social* e a *Espiritualidade*.

3.2. Análise dos Padrões Relacionais Familiares percebidos pelos filhos adolescentes

3.2.1. Análise Factorial da sub-escala *Relacional* da FES

A análise factorial exploratória (AFE), *Principal Axis Factoring*, à Sub-Escala *Relacional* da *Family Environment Scale* (N=940) permitiu a identificação de duas dimensões – *Coesão e Conflito*.

Os resultados da AFE não confirmam a estrutura de três dimensões proposta pelos autores do instrumento (R. Moos, & B. Moos, 1986; adaptação portuguesa: P. M.

Matos & A. M. Fontaine, 1992). O estudo da consistência interna das duas dimensões encontradas revelou valores adequados (*Coesão* – $\alpha = .827$ e *Conflito* – $\alpha = .704$).

3.2.2. Análise de *clusters* – Descrição dos três padrões relacionais familiares percebidos pelos filhos adolescentes

A análise de grupos sobre as médias das dimensões da sub-escala *Relacional* da FES – *Coesão e Conflito* – possibilitou a extracção de três *clusters*¹⁰, que permitem verificar como se organizam os padrões relacionais familiares, de acordo com a perspectiva do adolescente. A classificação de cada agregado nos *clusters* retidos foi refinada com o procedimento não-hierárquico *K-Means*.

Pela análise das médias obtidas (Quadro 9), o primeiro *cluster* (17.51%), designado como *Diferenciado*, corresponde ao grupo de famílias com um nível médio de *Coesão* (M=3.69) e *Conflito* (M=3.29). O segundo *cluster* (40.68%), classificado como *Pouco Diferenciado*, corresponde ao grupo de famílias em que o adolescente percepção o clima relacional da sua família com níveis elevados de *Coesão* (M=4.55) e de *Conflito* (M=3.99). O terceiro *cluster* (41.81%), denominado como *Fusional*, corresponde ao grupo de famílias em que o grau de *Coesão* (M=5.05) e de *Conflito* (M=4.83) é muito elevado.

Quadro 9

Frequências, percentagens, médias e desvios-padrão dos três os Padrões Relacionais Familiares, percebidos pelos filhos adolescentes, definidos pela Análise de Clusters

	Grupos definidos pela Análise de <i>Clusters</i>		
	1	2	3
N	62	144	148
%	17.51	40.68	41.81
Designação do grupo	<i>Diferenciado</i>	<i>Pouco Diferenciado</i>	<i>Fusional</i>
Escalas de:	M (SD)	M (SD)	M (SD)
<i>Coesão</i>	3.69 (.50)	4.55 (.33)	5.05 (.33)
<i>Conflito</i>	3.29 (.52)	3.99 (.34)	4.83 (.34)

¹⁰ Apresentados no Apêndice I.

3.3. Relação entre a predição de dimensões de valores de pais para filhos adolescentes e os padrões relacionais familiares percebidos pelos adolescentes

3.3.1. Padrão Relacional Familiar Diferenciado¹¹

Relacional

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Relacional* dos filhos adolescentes, permitem explicar 73% da variância para a qual contribuíram negativamente os domínios motivacionais *Poder Social* ($\beta = -.91, p < .05$), *Preocupação Social* ($\beta = -1.05, p < .05$) e *Relacional* ($\beta = -1.11, p < .05$), e, positivamente, o domínio *Realização Pessoal* ($\beta = 1.66, p < .05$) valorizados pela **mãe**. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão directa negativa*, entre mãe e filho, da dimensão *Relacional*.

Tradicionalismo

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Tradicionalismo* dos filhos adolescentes permitem explicar 71% da variância, para a qual contribuíram os domínios motivacionais *Tradicionalismo* ($\beta = .84, p < .05$), valorizado pela **mãe**, e *Preocupação Social* ($\beta = .60, p < .05$) valorizado pelo **pai**. A *Preocupação Social* ($\beta = -1.02, p < .05$) da **mãe** prediz negativamente a valorização de valores tradicionais pelos filhos adolescentes. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão directa positiva*, entre mãe e filho, da dimensão *Tradicionalismo*.

Realização Pessoal

A regressão linear múltipla efectuada para analisar os valores parentais que predizem a valorização da dimensão *Realização Pessoal* pelos filhos adolescentes permite explicar 85% da variância, para a qual contribuíram, (a) positivamente, as dimensões *Realização Pessoal* ($\beta = 1.47, p < .05$) **da mãe**, *Poder Social* ($\beta = .47, p < .05$) e *Preocupação Social* ($\beta = .44, p < .05$) do **pai**; e (b) negativamente, as dimensões *Poder Social* ($\beta = -.57, p < .05$), *Preocupação Social* ($\beta = -.65, p < .05$) e

¹¹ Por motivos de limitação de páginas, optámos por apresentar, no Apêndice II, os quadros que resumem os resultados da regressão linear múltipla para os domínios motivacionais parentais que predizem os domínios motivacionais dos filhos adolescentes, nas famílias em que o adolescente percepção o padrão relacional familiar como *Diferenciado*. Assim, para uma melhor compreensão desta secção, consulte-se esse Apêndice.

Espiritualidade ($\beta = -.71, p < .05$), quando valorizadas pela **mãe**, e o domínio *Realização Pessoal* ($\beta = -.88, p < .05$), quando valorizado pelo **pai**.

Verifica-se, deste modo, uma *transmissão directa positiva*, entre mãe e filho, e também uma *transmissão directa negativa*, entre pai e filho da dimensão *Realização Pessoal*.

Espiritualidade

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Espiritualidade* dos filhos adolescentes permitem explicar 75% da variância, para a qual contribuíram os domínios motivacionais *Espiritualidade* ($\beta = .50, p < .05$), valorizado pela **mãe**, e *Preocupação Social* ($\beta = .63, p < .05$) valorizado pelo **pai**. A *Preocupação Social* ($\beta = -.84, p < .05$) da **mãe** prediz negativamente a *Espiritualidade* do adolescente. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão directa positiva*, entre mãe e filho, da dimensão *Espiritualidade*.

Não foi encontrada qualquer predição para as dimensões *Aventura*, *Poder Social*, *Equilíbrio Pessoal* e *Preocupação Social* do adolescente.

3.3.1.1. Transmissões directas no Padrão Relacional Diferenciado

As *transmissões directas maternas* do Padrão Relacional Familiar Diferenciado, verificam-se (a) positivamente, nas dimensões *Tradicionalismo*, *Espiritualidade* e *Realização Pessoal*; (b) negativamente, na dimensão *Relacional*.

As *transmissões directas paternas* verificam-se negativamente, na dimensão *Realização Pessoal*.

3.3.2. Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado¹²

Relacional

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Relacional* dos filhos adolescentes, permitem explicar 46% da variância para a qual contribuiu unicamente a

¹² Por motivos de limitação de páginas, optámos por apresentar, no Apêndice III, os quadros que resumem os resultados da regressão linear múltipla para os domínios motivacionais parentais que predizem os domínios motivacionais dos filhos adolescentes, nas famílias em que o adolescente percebe o padrão relacional familiar como *Pouco Diferenciado*. Assim, para uma melhor compreensão desta secção, consulte-se esse Apêndice.

valorização do domínio motivacional *Relacional* ($\beta = .69, p < .05$), pelo **pai**. Verifica-se, portanto, uma *transmissão directa positiva* entre pai e filho.

Tradicionalismo

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Tradicionalismo* dos filhos adolescentes permitem explicar 44% da variância, para a qual contribui unicamente o domínio motivacional *Realização Pessoal* ($\beta = .60, p < .05$) valorizado pela **mãe**. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão indirecta positiva* entre mãe e filho.

Equilíbrio Pessoal

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Equilíbrio Pessoal* dos filhos adolescentes permitem explicar 51% da variância, para a qual contribuíram os domínios motivacionais *Relacional* ($\beta = .58, p < .05$) e *Espiritualidade* ($\beta = .59, p < .05$) do **pai**. Verifica-se, desta forma, uma *transmissão indirecta positiva* entre pai e filho.

Realização Pessoal

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Realização Pessoal* dos filhos adolescentes permitem explicar 55% da variância, para a qual contribuíram positivamente os domínios motivacionais *Relacional* ($\beta = .63, p < .05$) e *Espiritualidade* ($\beta = .79, p < .05$) do **pai**. As preocupações pró-sociais – *Preocupação Social* ($\beta = -.60, p < .05$) – do progenitor predizem negativamente os valores relacionados com a *Realização Pessoal* do adolescente. Verificam-se, deste modo, várias *transmissões indirectas, positivas e negativas*, desta dimensão.

Espiritualidade

A regressão linear múltipla efectuada para analisar os valores parentais que predizem a valorização da dimensão *Espiritualidade* dos filhos adolescentes permite explicar 55% da variância, para a qual contribuiu positivamente a valorização da dimensão *Espiritualidade* ($\beta = .66, p < .05$) e, negativamente, a valorização da dimensão *Tradicionalismo* ($\beta = -.94, p < .05$) pelo **pai**. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão paterna: directa positiva*, e uma *indirecta negativa*.

Não foi encontrada qualquer predição para as dimensões *Aventura*, *Poder Social* e *Preocupação Social* do adolescente.

3.3.2.1. Transmissões directas no Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado

As *transmissões directas paternas* verificam-se positivamente nas dimensões *Relacional* e *Espiritualidade*. Não se verificaram transmissões directas maternas.

3.3.3. Padrão Relacional Familiar Fusional¹³

Tradicionalismo

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Tradicionalismo* dos filhos adolescentes permitem explicar 62% da variância, para a qual contribuíram negativamente os domínios motivacionais *Preocupação Social* ($\beta = -.60$, $p < .05$) e *Poder Social* ($\beta = -.74$, $p < .05$) da **mãe**. Verificam-se, assim, duas *transmissões indirectas negativas* para a dimensão *Tradicionalismo* nas famílias percebidas como fusionais pelo adolescente.

Poder Social

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Poder Social* dos filhos adolescentes permitem explicar 57% da variância, para a qual contribuiu negativamente o domínio motivacional *Equilíbrio Pessoal* ($\beta = -.74$, $p < .05$) do **pai**. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão indirecta negativa* entre pai e filho.

Equilíbrio Pessoal

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Equilíbrio Pessoal* dos filhos adolescente permitem explicar 57% da variância, para a qual contribuiu unicamente o domínio motivacional *Realização Pessoal* ($\beta = .93$, $p < .05$) do **pai**. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão indirecta positiva* entre pai e filho.

¹³ Por motivos de limitação de páginas, optámos por apresentar, no Apêndice IV, os quadros que resumem os resultados da regressão linear múltipla para os domínios motivacionais parentais que predizem os domínios motivacionais dos filhos adolescentes, nas famílias em que o adolescente percebe o padrão relacional familiar como *Fusional*. Assim, para uma melhor compreensão desta secção, consulte-se esse Apêndice.

Espiritualidade

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Espiritualidade* dos filhos adolescentes permitem explicar 73% da variância, para a qual contribuiu positivamente o domínio motivacional *Espiritualidade* ($\beta = 1.05, p < .05$) da **mãe** e, negativamente, o domínio motivacional *Equilíbrio Pessoal* ($\beta = -.69, p < .05$) do **pai**. Verifica-se uma *transmissão directa positiva* desta dimensão, entre mãe e filho, e uma *transmissão indirecta negativa*, entre pai e filho.

Não foi encontrada qualquer predição para as dimensões *Aventura*, *Realização Pessoal* e *Preocupação Social* do adolescente.

3.3.3.1. Transmissões directas no Padrão Relacional Familiar Fusional

As *transmissões directas maternas* verificam-se positivamente na dimensão *Espiritualidade*. Não se verificaram transmissões directas paternas.

4. Discussão

4.1. Predição de Valores – Dimensões de valores dos pais preditoras das dimensões de valores dos filhos adolescentes, em famílias nucleares intactas

A análise das dimensões de valores dos pais preditoras das dimensões de valores dos filhos adolescentes realça a influência materna no desenvolvimento do sistema de valores do adolescente, o que corrobora os dados referidos na literatura, uma vez que a influência da mãe parece ser mais forte do que a do pai, independentemente do sexo do filho (e.g., Balancho, 2004; Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002; Parke, 2002; Steinberg & Silk, 2002). O maior envolvimento da mãe no cuidado e educação do filho, quer na infância, quer na adolescência, pode explicar estes resultados pois estando emocionalmente mais próxima do filho, a mãe poderá ter um grau de influência maior na predição dos seus valores.

Centremo-nos, em primeiro lugar, nas *transmissões maternas directas*. Relativamente ao domínio *Colectivo*, os resultados apresentados anteriormente sugerem que a valorização de crenças e ideologias que vão no sentido da conformidade com os padrões sócio-culturais vigentes – *Tradicionalismo* – pela mãe prediz a importância da dimensão *Tradicionalismo* para o adolescente. O mesmo se verifica relativamente à dimensão *Espiritualidade* que, quando valorizada pela mãe, prediz a importância de princípios religiosos e transcendentais pelo filho. Este movimento centrípeto, de união e convergência familiar, pode ser explicado por um processo de influência familiar, nomeadamente materna dado o papel da mãe enquanto figura central no processo de socialização dos filhos, para a conformidade comportamental e para a adopção de valores e ideologias tradicionais, no sentido da manutenção da cultura social (Hall, 1981; Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*; Schwartz & Rubel, 2005) e da mitologia familiar (Linares, 1996).

No que se refere ao domínio *Hedonista*, verificamos que o facto de a mãe valorizar valores focados no *Eu sem os Outros* e especificamente relacionados com a *Realização Pessoal* (e.g., *Inteligência, Escolha de objectivos de vida, Competência*), prediz a valorização de valores semelhantes na descendência. Estes dados parecem contrariar a visão simplista da figura materna como estando apenas orientada para o cuidar e para a relação com os outros. Embora a mulher tenda a guiar a sua narrativa pessoal por princípios centrados na união e no amor com os outros (Hermans, 1991), a

sua entrada no mundo do trabalho, e a conseqüente acumulação de papéis familiares, laborais e sociais (Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*), parece ir ao encontro destes resultados, que apontam para a importância da auto-valorização da mãe que, nesta etapa do seu ciclo de vida, estará também orientada para a obtenção de êxito pessoal e profissional (e.g., ascensão na carreira e novos desafios profissionais). O processo de identificação com a figura materna pode explicar esta aparente convergência de valores entre mãe e filho adolescente dado que a valorização da dimensão *Realização Pessoal* pode contribuir para o ajustamento individual da mulher e do próprio adolescente que, numa etapa de construção da identidade, tende a valorizar interesses individuais (e.g., Baptista, 2010; Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011).

No nosso estudo, a influência das dimensões de valores preditas pelo pai é mais limitada. Verificamos que existe *transmissão directa* das dimensões *Preocupação Social* e *Espiritualidade*, ambas pertencentes ao domínio *Colectivo*. O complexo processo de desenvolvimento experienciado pelos progenitores parece orientá-los para uma maior necessidade de participação e envolvimento com o meio sócio-cultural e a conseqüente valorização de princípios sociais (Figueiredo, 1985, cit. por Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*). As preocupações pró-sociais do pai, expressas pela valorização de valores holísticos e mais abstractos como *União com a natureza*, *Justiça social* ou *Protecção do ambiente*, predizem as preocupações sociais do adolescente, o que parece reflectir a necessidade de compromisso com ideais durante o processo de construção da identidade (Sprinthall & Collins, 2003). Tal como vimos na *transmissão directa* de valores da mãe, também a valorização da dimensão *Espiritualidade* por parte do progenitor masculino contribui para a valorização do mesmo domínio pelo filho. Considerando que esta dimensão é pouco valorizada na adolescência (e.g., Duarte, 2010) e tende a aumentar com a idade (Oliveira, 2000, cit. por Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*), consideramos que o facto de mãe e pai guiarem as suas narrativas pessoais por princípios ligados à transcendência e à ligação com os outros e, eventualmente, cultivarem rituais familiares relacionados com celebrações religiosas, por exemplo, poderá promover uma maior partilha sobre o significado e a importância desses valores e a convergência de valores entre as duas gerações.

No que se refere à *transmissão indirecta* de valores é a valorização do domínio motivacional *Realização Pessoal*, especialmente pela mãe, que prediz a valorização de dimensões de valores relacionadas com o *Tradicionalismo* e a *Preocupação Social* –

domínio *Colectivo* – e com o *Poder Social*, o *Equilíbrio Pessoal* (mãe) e a *Aventura* (pai) – domínio *Hedonista* – por parte do adolescente.

A orientação dos pais para a obtenção de sucesso pessoal aparece, assim, como o mais importante preditor *indirecto* de valores dos filhos adolescentes. O facto de esta dimensão predizer positivamente valores de índole individual nos filhos parece sugerir uma adesão do adolescente aos valores parentais, motivada quer pela qualidade da relação e comunicação estabelecida no seio familiar (e.g., Knafo & Schwartz, 2003; Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Rudy & Grusec, 2001), quer pela necessidade crescente do jovem de se autonomizar e estar orientado para a valorização pessoal (Relvas, 2004; Steinberg & Silk, 2002). Simultaneamente, o facto de a mãe priorizar a *Realização Pessoal* também prediz valores colectivistas do filho, como o *Tradicionalismo* e a *Preocupação Social*, o que nos leva hipotetizar que quando a mãe é vista como realizada a nível pessoal, o adolescente pode sentir uma maior necessidade de exercer a sua cidadania.

Podemos contemplar a complexidade do processo de transmissão intergeracional de valores na adolescência dos filhos se atentarmos no facto das preocupações pró-sociais da mãe, expressas pela valorização do domínio motivacional *Preocupação Social*, predizerem *indirectamente*, e de forma negativa, a valorização das dimensões *Relacional*, *Tradicionalismo*, *Equilíbrio Pessoal* e *Espiritualidade* por parte do adolescente. Pensamos que estes resultados podem reflectir um movimento centrífugo do adolescente em relação aos valores parentais e, nomeadamente, à influência da figura materna. As exigências impostas pelas tarefas desenvolvimentais da adolescência florescem a necessidade da construção de um *self* diferenciado das figuras parentais, mais consistente e centrado na autonomia, que permita definir metas e objectivos pessoais futuros (Sprinthall & Collins, 2003).

Os resultados deste estudo permitem-nos inferir uma constelação de valores parentais que permitem predizer os valores dos adolescentes. Neste sentido, tomam especial relevância as dimensões *Tradicionalismo* e *Realização Pessoal*, valorizadas pela mãe, a *Preocupação Social*, valorizada pelo pai, e a *Espiritualidade*, de ambos os progenitores, como *transmissores directos* desses valores nos filhos. A *Realização Pessoal* constitui-se, no presente estudo exploratório, como a dimensão de valores dos progenitores que mais contribui para a predição de valores nos adolescentes.

O facto de as dimensões *Relacional*, *Poder Social* e *Aventura*, dos pais não predizerem nenhuma dimensão dos filhos pode ser interpretado (a) pela importância que

os pares assumem nesta etapa desenvolvimental enquanto grupo privilegiado na partilha de relações afectivas próximas, podendo assim assumir um papel primordial na transmissão, co-construção e experienciação de valores relacionais e (b) pelo facto de os pais valorizarem pouco os valores inerentes à dimensão *Aventura* (e.g., Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*), dada a maior estabilidade e consolidação do seu projecto de vida (Menezes & Campos, 1991), colocando, novamente, a tónica no papel do grupo de pares, enquanto possibilitador da experienciação de valores diferentes dos da família. Por outro lado, tal como sugerem os resultados de vários estudos (e.g., Baptista, 2010; Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011; Duarte, 2010), os adolescentes parecem estar pouco orientados para questões relacionadas com o poder e reconhecimento social.

A procura de constante equilíbrio entre as exigências individuais e familiares, que caracteriza aquele que é considerado como o período mais desafiante do ciclo de vida familiar (Alarcão, 2002; Relvas, 2004), parece, assim reflectir-se na conjugação de movimentos centrípetos e centrífugos relativamente à transmissão de valores. Este fluxo das dinâmicas familiares parece corresponder às funções da família, no sentido do equilíbrio entre a preservação da identidade e da mitologia familiar e a construção de um *Self* diferenciado, através da experimentação de valores em sistemas extra-familiares.

4.2. Padrões Relacionais Familiares percebidos pelos filhos adolescentes

Através da análise de *clusters* sobre os padrões relacionais familiares percebidos pelos filhos, os dados obtidos indicam-nos que o padrão mais representativo no nosso estudo é o *Fusional* (41.81% da amostra), seguido do padrão *Pouco Diferenciado* (40.68% da amostra) e, por fim, do padrão *Diferenciado*, correspondente a 17.51% da amostra. A interpretação destes resultados tem, necessariamente, de considerar que eles se reportam, exclusivamente, à perspectiva do filho adolescente sobre o clima relacional da sua família de origem. Neste sentido, a progressiva necessidade de independência do adolescente pode enviesar a percepção sobre o padrão relacional da sua família. Os movimentos centrípetos dos pais, no sentido de minimizarem, ou anularem, as perturbações exercidas pelas exigências do sub-sistema filial ou do contexto em que a família se insere, poderão ser entendidos pelo adolescente como uma ameaça à sua liberdade pessoal e levar a situações de maior conflitualidade, pelo que o padrão

relacional familiar poderá ser percebido como mais emaranhado nesta fase do ciclo de vida familiar.

Por outro lado, quando no seio da família nuclear tem lugar a renegociação das relações parento-filiais, através da flexibilização dos limites familiares de modo a integrar a progressiva independência do adolescente (Alarcão, 2002; Relvas, 2004), o ambiente familiar tende a ser percebido pelo adolescente como mais positivo dado que possibilita o equilíbrio entre as suas necessidades de suporte emocional e de individualidade (Carter & McGoldrick, 1989). Neste caso, poderá também relacionar-se com a diferenciação do *Self*, dado que se o clima relacional familiar é percebido como positivo, tende a fornecer as condições necessárias para a diferenciação do jovem e, simultaneamente, quanto maior a diferenciação do adolescente, maior será a sua capacidade para lidar com os factores de stress intra e interpessoal (Prioste, 2008).

Seguidamente analisamos, pormenorizadamente, a relação entre o padrão relacional familiar percebido pelo adolescente e a predição de dimensões de valores dos pais. De relevar que, no geral, nos grupos familiares onde a média de *Conflito* e de *Coessão* são maiores – famílias *Pouco Diferenciadas* e famílias *Fusionais* – há menor *transmissão directa* de valores, o que nos leva a hipotetizar que a percepção de níveis muito elevados de conflito familiar poderá ser uma barreira familiar à transmissão de valores.

4.2.1. Padrão Relacional Familiar Diferenciado

Nas famílias com níveis médios de *Coessão* e *Conflito*, segundo a perspectiva do adolescente, e que promovem a diferenciação dos seus elementos, a *transmissão directa* de valores, relativamente à mãe, ocorre nas dimensões *Tradicionalismo* e *Espiritualidade* – domínio *Colectivo* – e *Realização Pessoal* – domínio *Hedonista* – o que remete para o padrão de resultados já discutidos na secção 4.1. Considerando o modelo de aquisição de valores de Grusec e Goodnow (1994), a convergência de valores entre pais e filhos será tanto maior quanto mais correctamente o filho percepcione os valores parentais e os aceite como seus. Neste sentido, hipotetizamos que a diferenciação familiar promova uma percepção mais fiável dos valores que os membros da família percebem uns dos outros; deste modo, tendo o adolescente uma percepção mais fiável dos valores parentais, haverá uma maior convergência na transmissão directa. Por outro lado, consideramos que a adesão do adolescente aos valores maternos, nas famílias com níveis médios de *Coessão* e *Conflito*, poderá

relacionar-se com a proximidade relacional com a mãe, enquanto cuidadora principal, durante o processo de socialização familiar. Barni e colaboradores (2011, p. 117) referem-se ao processo de aceitação dos valores parentais como uma “*propriedade relacional*” para a qual contribuem o carinho e responsividade parental (Grusec & Goodnow, 1994; Grusec, Goodnow, & Kuczynski, 2000; Tavis, 2000), e também a possibilidade de exploração, minimizando a ameaça à autonomia do adolescente (Barni, Ranieri, Scabini, & Rosnati, 2011).

Nas famílias em que o ambiente familiar é caracterizado por níveis médios de *Coessão e Conflito*, a *transmissão indirecta* de valores maternos ocorre pela valorização da dimensão *Realização Pessoal* que determina a importância de princípios relacionais para o filho adolescente. Hipotetizamos que no grupo de famílias diferenciadas, às quais parece estar associado um padrão de vinculação segura (Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*), o facto de a mãe priorizar valores centrados na *Realização Pessoal*, possivelmente relacionados com as suas tarefas de vida (Menezes & Campos, 1991), para além de predizer a convergência de valores do filho, como vimos anteriormente, parece também promover a capacidade do adolescente investir nas relações com outros significativos. A verificar-se esta predição, o grau de ajustamento psicossocial destes adolescentes poderá ser mais elevado, quando comparado com os pertencentes a outros grupos de famílias, dado que conseguirão equilibrar adequadamente as necessidades de autonomia e intimidade (Skowron, Van Epps, & Cipriano, *in press*).

Os resultados do nosso estudo não apontam para a predição directa de valores parentais neste grupo de famílias, o que poderá relacionar-se com o maior envolvimento materno descrito na literatura (e.g., Balancho, 2004; Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002). Ainda assim, a valorização da dimensão *Preocupação Social* pelo pai prediz, *indirectamente*, a importância de valores tradicionalistas, espirituais e de realização pessoal na descendência. Verifica-se o padrão descrito na secção anterior, dado que as preocupações pró-sociais do pai parecem ser determinantes na transmissão de valores colectivos e individuais.

O *Poder Social* valorizado pelo progenitor aparece como preditor da *Realização Pessoal* do adolescente, remetendo para a importância dos papéis de género e para as expectativas quanto aos papéis desempenhados pelo progenitor do sexo masculino (Schwartz & Rubel, 2005), frequentemente mais centrado na valorização pessoal (Hermans, 1991).

A percepção de coesão familiar e comunicação positiva, particularmente numa etapa familiar de grande abertura ao mundo social, parece predizer não apenas uma maior diferenciação dos elementos da família, como uma maior convergência de valores entre pais e filhos. A capacidade da família equilibrar o espaço individual, familiar e social, através da flexibilização dos limites familiares, de modo a integrar a progressiva independência do adolescente, e da recentração dos pais na vida conjugal e profissional, parece ser determinante para o ajustamento destas famílias (Relvas, 2004), assim como para a progressiva diferenciação e adaptação psico-social do adolescente.

4.2.2. Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado

4.2.2. Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado

O grupo de famílias com um padrão relacional familiar pouco diferenciado corresponde àquelas em que o adolescente reporta um nível elevado de *Coesão* e *Conflito*. Os resultados do estudo exploratório que efectuámos apontam para a importância primordial do pai no processo de transmissão de valores no seio destas famílias. A importância que a figura paterna parece assumir no grupo de famílias *pouco diferenciadas* poderá, eventualmente, relacionar-se com um maior nível de diferenciação do pai, dado que os homens tendem a apresentar níveis mais elevados de *Diferenciação do Self*, quando comparados com o sexo feminino (Goff, 2010), o que poderá promover a identificação do adolescente com o progenitor e uma maior convergência de valores. Por outro lado, e retomando a hipótese de a percepção de níveis mais elevados de conflito está relacionada com a menor transmissão de valores, a importância da figura paterna nestas famílias poderá dever-se ao facto do pai ser a figura que é percebida como menos conflituosa e mais apaziguadora do contexto familiar. Esta percepção poder-se-ia traduzir numa maior transmissão dos valores paternos aos filhos.

De facto, os resultados relativos a este grupo de famílias apontam para uma *transmissão directa* de valores relacionais e espirituais – dimensões *Relacional* e *Espiritualidade* – quando valorizados pelo pai. Contrariamente ao que seria esperado pela análise da literatura (e.g., Hermans, 1991; Schwartz & Rubel, 2005) na qual o progenitor masculino é, geralmente, descrito como estando mais orientado para a valorização e transmissão de valores individuais, centrados na auto-realização, neste

grupo de famílias o pai aparece como preditor directo de valores relacionais do filho adolescente. Hipotetizamos que o baixo nível de diferenciação familiar, caracterizado por elevados índices de *Coesão* e *Conflito*, pode fazer com que estas famílias tenham maior tendência para se fecharem sobre si mesmas, o que poderá fomentar a importância da dimensão Relacional intra-familiar e de valores focados no *Eu com os Outros* (e.g., *Amor, Amizade, Família, Lealdade, Honestidade*). No mesmo sentido, a valorização do domínio motivacional *Espiritualidade*, pelo pai, prediz a escolha de princípios relacionados com a religião e a espiritualidade como princípios estruturantes na narrativa do adolescente, apontando para a convergência de valores entre pai e filho.

Para além de predizerem a transmissão de valores semelhantes pelos filhos, a valorização das dimensões Relacional e Espiritualidade, pelo progenitor, prediz, *indirectamente*, a importância de dimensão *Equilíbrio Pessoal, focalizada no Eu e os Outros*, o que poderá, eventualmente, constituir uma resposta à necessidade de individuação tão premente na adolescência (Sprinthall & Collins, 2003). O mesmo é válido para a dimensão *Realização Pessoal* do adolescente, predita pela priorização de valores relacionais e espirituais do pai.

Em famílias em que, segundo a percepção do adolescente, o clima relacional é caracterizado por níveis elevados de *Coesão* e *Conflito*, parece existir uma maior indiferenciação intra-familiar. Os valores colectivos, nomeadamente relacionais e espirituais, priorizados fundamentalmente pelo progenitor masculino, no caso da amostra em estudo, parecem ser *absorvidos* pela descendência e determinantes para a sua valorização de dimensões colectivas e individuais.

4.2.3. Padrão Relacional Familiar Fusional

Nas famílias cujo clima relacional familiar é percebido pelo adolescente como emaranhado, i.e., é caracterizado por níveis muito elevados de *Coesão* e *Conflito*, apenas se verifica uma *predição directa* de valores – a *Espiritualidade* da mãe prediz a valorização da dimensão *Espiritualidade* pelo adolescente. Estes resultados podem ser interpretados considerando os valores englobados nesta dimensão têm subjacente a ligação com o Outro (Oliveira, 2000, cit. por Duarte, 2010). Se estas famílias são fusionais, o papel privilegiado da mãe na maternidade e o seu envolvimento com os filhos poderá explicar a convergência. Ainda assim, o que nos parece mais saliente

nestas famílias é o facto de não existir predição directa de nenhuma outra dimensão valorativa, o que poderá ser interpretado como o traçar de um caminho centrífugo pelo adolescente, que lhe permita a construção de uma identidade diferenciada dos outros significativos e a construção dos próprios projectos individuais, contrariando, assim, os movimentos centrípetos da família para a absoluta unidade familiar, uma vez que as solicitações de autonomia podem ser entendidas como falta de lealdade para com o sistema familiar (Alarcão, 2002).

Estes resultados parecem-nos interessantes por sugerirem que os elevados níveis de *Coesão* e *Conflito* familiar podem constranger o processo de transmissão e convergência familiar de valores dado que os valores parentais podem ser rejeitados – *transmissão rejeitada*.

Conclusão

Síntese integradora

No presente estudo exploratório, a análise das dimensões de valores dos pais predictoras das dimensões de valores dos filhos adolescentes salientou que as dimensões *Espiritualidade, Tradicionalismo e Realização Pessoal* valorizadas pela mãe predizem valores semelhantes nos adolescentes – *transmissão directa materna* – e que a *transmissão directa paterna* ocorre nas dimensões *Preocupação Social e Espiritualidade*. Num estudo recente sobre a aceitação dos valores parentais, Barni e colaboradores (2011) verificaram que, segundo a perspectiva dos filhos adolescentes, os valores que os pais querem transmitir-lhes envolvem a importância da segurança e estabilidade (*Segurança*), da obediência e respeito pelas expectativas sociais (*Conformidade*) e dos costumes tradicionais (*Tradicionalismo*), o que parece ir ao encontro dos resultados da presente investigação. O processo de desenvolvimento experienciado pelos progenitores, mais complexo e abrangente, parece orientá-los para o equilíbrio entre as necessidades individuais e sociais o que, aparentemente, se reflecte numa maior *transmissão directa* de valores colectivos.

A valorização da dimensão *Realização Pessoal* pelos progenitores, mas sobretudo pela mãe, é o mais importante predictor *indirecto* dos valores dos adolescentes, contribuindo para a valorização de dimensões colectivas, como o *Tradicionalismo* e a *Preocupação Social*, e hedonistas, como a *Aventura*, o *Poder Social* e o *Equilíbrio Pessoal* por parte da geração mais nova.

Relativamente aos grupos familiares, diferenciados em função dos níveis de *Coesão* e *Conflito* familiar reportados pelo adolescente, os resultados apontam para uma menor *transmissão directa* de valores nos grupos familiares onde as médias de *Conflito* e de *Coesão* são mais elevadas – famílias *Pouco Diferenciadas* e famílias *Fusionais* – o que nos leva a hipotetizar que a percepção de níveis muito elevados de conflito familiar poderá ser uma barreira familiar à transmissão de valores. Nas famílias mais *Diferenciadas* parece haver uma transmissão mais equilibrada de valores, o que contribui para o ajustamento individual do jovem e permite-lhe equilibrar adequadamente as necessidades de autonomia e intimidade. Estes resultados corroboram os dados apresentados por Jacinto (2010) que, num estudo qualitativo, salienta a importância da qualidade e investimento na relação familiar como uma variável crucial

para a continuidade de valores entre as gerações dado que a transmissão de valores é entendida segundo uma perspectiva relacional afectiva pelo adolescente.

Implicações clínicas

Os valores, enquanto princípios que guiam o sentido da vida do indivíduo e o seu comportamento, contribuem para o desenvolvimento da identidade pessoal e das relações que os indivíduos estabelecem entre si, ao longo do ciclo de vida, sendo também desenvolvidos através de tais relações (Bengtson, Biblarz, & Roberts, 2002). O processo desenvolvimental de construção das narrativas e significações pessoais, especialmente durante a adolescência, período caracterizado pelo processo de formação identitária e pela construção de um sistema de valores que assume grande relevância na coerência e consistência do *self* (Erikson, 1982; Knafo e Schwartz, 2004; Steinberg & Silk, 2002), torna vital, do nosso ponto de vista, a investigação do processo de transmissão de valores no seio familiar.

Os resultados deste estudo permitem-nos destacar alguns aspectos relevantes do ponto de vista clínico: o equilíbrio entre as exigências individuais e familiares, característico das famílias com um padrão relacional familiar *Diferenciado*, parece promover a preservação da identidade e da mitologia familiar e, simultaneamente, a construção de um *Self* diferenciado, através da experimentação de valores nos outros sistemas em que o indivíduo actua e pelos quais também é influenciado. Para as famílias com filhos adolescentes torna-se, deste modo, bastante relevante definir, reflectir e negociar os movimentos de saída do adolescente (Alarcão, 2002; Relvas, 2006). O espaço e o tempo familiar devem ser garantidos, assim como o respeito pela autonomia e individualidade do adolescente.

Limitações do estudo

No que concerne aos instrumentos utilizados neste estudo exploratório, salientamos a influência da deserabilidade social no processo de resposta aos questionários. Em relação ao *Questionário sobre os Valores Pessoais* (e.g., Bilsky, 2009; Prioste, Narciso, & Gonçalves, *in press*), vários autores têm apontado algumas limitações inerentes ao instrumento, nomeadamente, (a) o nível de abstracção requerido, pelo que indivíduos com um baixo nível de escolaridade e os adolescentes, cujo pensamento abstracto está em desenvolvimento, poderão experienciar uma maior

dificuldade ao responder. (b) Embora os valores apresentados no QVP-R estejam definidos operacionalmente, a idiossincrasia de cada participante pode também ter influenciado a interpretação dos itens do questionário, dado que as significações de valores parecem variar em função das etapas e tarefas do ciclo de vida (Menezes & Campos, 1991). (c) Zentner e Renaud (2007) salientam também a possibilidade das respostas ao QVP reflectirem valores ideais, já que o instrumento não invoca a aplicação de valores em situações concretas. Relativamente à *Family Environment Scale*, embora seja um dos instrumentos mais utilizados no estudo do ambiente familiar, as suas propriedades psicométricas, nomeadamente ao nível da consistência interna e validade, têm sido amplamente questionadas (Negy & Snyder, 2006).

Realçamos também o facto de o estudo analisar os padrões relacionais familiares apenas segundo a percepção do filho adolescente é manifestamente insuficiente perante a complexidade do processo de co-construção de valores e de padrões relacionais, podendo ser uma das limitações apontadas a este estudo e que, como tal, deve ser colmatada em investigações futuras.

Em relação à amostra, é de realçar que, para além de reduzida, não é representativa da população portuguesa. Desta forma, os resultados deste estudo não permitem qualquer generalização, tendo um carácter marcadamente exploratório.

As limitações desta investigação prendem-se com a impossibilidade de generalizar os seus resultados para a população portuguesa. Neste sentido, estudos futuros deverão procurar contornar as limitações referidas por forma a potenciar o desenvolvimento dos conhecimentos na área da transmissão intergeracional e a possibilidade de generalização.

Pistas para investigações futuras

Consideramos que a presente investigação pode constituir uma possível abordagem no processo de transmissão intergeracional, havendo ainda muito por desvendar.

Como já referimos, seria importante a condução de estudos que superassem as limitações apontadas anteriormente, nomeadamente aquelas que se referem à dimensão da amostra.

Seria igualmente pertinente alargar a investigação, contemplando a forma como os pais percebem os padrões relacionais familiares e o modo como essa percepção influencia a predição de valores. Um estudo mais aprofundado sobre a forma como a variável Conflito familiar influencia o processo de transmissão de valores parece-nos fundamental. Além disso, também o estudo sobre a (des)continuidade dos padrões relacionais familiares, através de uma metodologia longitudinal, seria útil para testar a hipótese da existência de um processo de transmissão intergeracional do ambiente familiar. Neste sentido, não podemos ignorar as vantagens que um novo estudo de validação da FES para a população portuguesa teria o desenvolvimento de trabalhos sobre o ambiente familiar.

Referências Bibliográficas

- Alarcão, M. (2002). *(Des)equilíbrios familiares*. Coimbra: Quarteto.
- Amato, P. R., & Booth, A. (2001). The legacy of parent's marital discord: Consequences for children's marital quality. *Journal of Personality and Social Psychology, 81*, 627-638.
- Andrews, J. A., Foster, S. L., Capaldi, D., & Hops, H. (2000). Adolescent and family predictors of physical aggression, communication, and satisfaction in young adult couples: A prospective analysis. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 68*, 195-208.
- Balancho, L. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica 2 (XXII)*, 377-386.
- Bandura, A. (1969). Social learning theory of identificatory processes. In Goslin, D. A. (Ed.), *Handbook of socialization theory and research*. Chicago: Rand McNally College Publishing Company.
- Baptista, A. M. (2010). *Adolescentes de famílias de coabitação monoparental e de famílias nucleares intactas: valores e processo de transmissão intergeracional*. Tese de mestrado em psicologia, não publicada. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia.
- Barni, D., Ranieri, S., Scabini, E., & Rosnati, R. (2011). Value transmission in the family: do adolescents accept the values their parents want to transmit? *Journal of Moral Education, 40* (1), 105-121.
- Bengtson, V., Biblarz, T., & Roberts, R. (2002). *How families still matter: A longitudinal study of youth in two generations*. Cambridge: University Press.
- Bilsky, W. (2009). A estrutura de valores: Sua estabilidade para além de instrumentos.

Teorias, idade e culturas. *Revista de Administração Mackenzie*, 10, 12-33.

Bilsky, W., Janik, M., & Schwartz, S. H. (2010). The Structural Organization of Human Values—Evidence from Three Rounds of the European Social Survey (ESS). *Journal of Cross-Cultural Psychology*, XX (X), 1–19.

Bilsky, W., & Schwartz, S. H. (1994). Values and personality. *European Journal of Personality*, 8, 163-181.

Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development*. Cambridge: Harvard University Press.

Bronfenbrenner, U. (1986). Ecology of the family as a context for human development: research perspectives. *Developmental Psychology*, 22, 723-742.

Bugental, D., & Goodnow, J. (1998). Socialization processes. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Social, emotional, and personality development* (Vol. 3, pp. 389-462). New York: John Wiley & Sons.

Caprana, G., Schwartz, S., Capanna, C., Vecchione, M., & Barbaranelli, C. (2006). Personality and politics: Values, traits, and political choice. *Political Psychology*, 27, 1-28.

Carter E., & McGoldrick, M. (1994). *The changing family life cycle – A framework for family therapy*. Boston: Allyn and Bacon.

Conger, R. D., Cui, M., Bryant, C. M., & Elder Jr., G. H. (2000). Competence in early adult romantic relationships: A developmental perspective on family influences. *Journal of Personality and Social Psychology*, 79, 224-237.

Davidov, E., Schmidt, P., & Schwartz, S. (2008). Bringing values back in the adequacy of the European social survey to measure values in 20 countries. *Public Opinion*

Quarterly, 72, 420-445.

- Duarte, J. M. (2010). *Valores e estilos parentais educativos em famílias nucleares intactas*. Dissertação de mestrado em psicologia, não publicada. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia.
- Erikson, E. H. (1982). *The life cycle completed: A review*. New York: W. W. Norton & Company.
- Feldman, S. S., Gowen, L. K., & Fisher, F. (1998). Family relationships and gender as predictors of romantic intimacy in young adults: A longitudinal study. *Journal of Research on Adolescence*, 8, 263-286.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS (and sex and drugs and rock and roll)* (3rd ed.). Thousand Oaks: SAGE.
- George, C., Herman, C. K., & Ostrander, R. (2006). The family environment and developmental psychopathology: The unique and interactive effects of depression, attention, and conduct problems. *Child Psychiatry & Human Development*, 37, 163-177.
- Goff, J. (2010). The impact of differentiation of self and spirituality on sexual satisfaction. *Journal of Psychology and Christianity*, 29, 57-71.
- Grusec, J. (2002). Parental socialization and children's acquisition of values. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Issues in parenting* (Vol.5, pp. 143-167). Lawrence Erlbaum Associates.
- Grusec, J., & Goodnow, J. (1994). Impact of parental discipline methods on the child's internalization of values: A reconceptualization of current points of view. *Developmental Psychology*, 30, 4-19.
- Grusec, J., Goodnow, J., & Kuczynski, L. (2000). New directions in analyses of parenting contributions to children's acquisition of values. *Child Development*,

71, 205-211.

Guba, E., & Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. Denzin & Y. Lincoln (Eds.), *Handbook of qualitative research* (pp. 105-117). Thousand Oaks: SAGE Publications.

Hall, C. M. (1981). *The Bowen family theory and its uses*. New York: Jason Aronson.

Hermans, H. J. M. (1991). The person as co-investigator in self-research: Valuation theory. *European Journal of Personality*, 5, 217-234.

Hermans, H. J. M., & Oles, P. K. (1993). The personal meaning of values in a rapid changing society. *The Journal of Social Psychology*, 134, 569-579.

Hitlin, S., & Piliavin, J. A. (2004). Values: Reviving a dormant concept. *Annual Review Sociological*, 30, 359–393.

Hynie, M., Lalonde, R. N., & Lee, N. (2006). Parent-child value transmission among chinese immigrants to North America: The case of traditional mate preferences. *Cultural Diversity and Ethnic Minority Psychology*, 12 (2), 230-244.

Jacinto, A. S. (2010). *Co-construção intergeracional de valores: À procura de um modelo sistémico*. Tese de mestrado em psicologia, não publicada. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia.

Jackson, J., Kuppens, P., Sheeber, L. B., & Allen, N. B. (2011). Expression of anger in depressed adolescents: The role of the family environment. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39, 463–474.

Jones, E. (2004). *Terapia dos sistemas familiares*. Lisboa: Climepsi Editores.

Knauth, D. G., & Skowron, E. A. (2004). Psychometric evaluation of the differentiation

- of self inventory for adolescents. *Nursing Research*, 53, 163-171.
- Kerr, M. E. (1981). Family Systems Theory and Therapy. In Gurman, A.S., Kniskern, D. P. (Eds.). *Handbook of Family Therapy*. New York: Brunner/Mazel.
- Klever, P. (2005). The multigenerational transmission of family unit functioning. *The American Journal of Family Therapy*, 33, 253-264.
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2003). Parenting and adolescents' accuracy in perceiving parental values. *Child Development*, 74(2), 595-611.
- Knafo, A., & Schwartz, S. H. (2004). Identity formation and parent-child value congruence in adolescence. *British Journal of Developmental Psychology*, 22, 439-458.
- Knafo, A., & Spinath, F. M. (2011). Genetic and environmental influences on girls' and boys' gender-typed and gender-neutral values. *Developmental Psychology*, 3, 726-731.
- Knauth, D. G., & Skowron, E. A. (2004). Psychometric evaluation of the differentiation of self inventory for adolescents. *Nursing Research*, 53, 163-171.
- Lerner, R., & Spanier, G. (1980). *Adolescent development: A life-span perspective*. United States of America: McGraw-Hill.
- Linares, J. L. (1996). *Identidad y Narrativa*. Barcelona: Paidós.
- Lucey, C. F., & Lam, S. K. Y. (2012). Predicting suicide risks among outpatient adolescents using the family environment scale: Implications for practice and research. *International Journal for the Advancement of Counselling*, 34, 107-117.
- Maroco, J. (2007). *Análise estatística com utilização do SPSS (3ª Ed.)*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Menezes, I., Costa, M. E., & Campos, B. P. (1989). Valores em estudantes universitários. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 5, 53-68.

- Menezes, J., & Campos, B. P. (1991). Estrutura dos valores: Estudo transversal. *Psychologica*, 6, 129-147.
- Negy, C., & Snyder, D. (2006). Assessing family-of-origin functioning in mexican american adults: Retrospective application of the family environment scale. *Assessment*, 4, 396-405.
- Nichols, M. P., & Schwartz, R. C. (2007). *Terapia Familiar: Conceitos e Métodos*. Porto Alegre: Artmed. (Obra original publicada em 2006)
- Phalet, K., & Schönflug, U. (2001). Intergenerational transmission in turkish immigrant families: Parental collectivism, achievement values, and gender differences. *Journal of Comparative Family Studies*, 32, 489-504.
- Parke, R. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Being and becoming a parent* (Vol. 3, pp. 27-73). Lawrence Erlbaum Associates.
- Pinquart, M., & Silbereisen, K. (2004). Transmission of values from adolescents to their parents: The role of value content and authoritative parenting. *Adolescence*, 39, 83-100.
- Prince-Gibson, E., & Schwartz, S. H. (1998). Value priorities and gender. *Social Psychology Quarterly*, 61, 49-67.
- Prioste, A. (2008). *Adolescência rural e urbana: A dança circular entre auto-estima, percepção de stress e funcionalidade familiar*. Tese de mestrado em psicologia, não publicada. Universidade de Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

- Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M. (*in press*). Questionário de valores pessoais readaptado: processo de desenvolvimento e contributos iniciais para a validação. *Revista IberoAmericana de Diagnóstico e Avaliação Psicológica*.
- Relvas, A. P. (2004). *O ciclo vital da família: Perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Rokeach, M. (1979). *Understanding human values: Individual and societal*. New York: The Free Press.
- Rudy, D., & Grusec, J. (2001). Correlates of authoritarian parenting in individualist and collectivist cultures and implications for understanding the transmission of values. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 32*, 202-212.
- Sagiv, L., & Schwartz, S. (2000). Value priorities and subjective well-being: Direct relations and congruity effects. *European Journal of Social Psychology, 30*, 177-198.
- Santos, M., & Fontaine, A. M. (1995). Avaliação do ambiente familiar por crianças e pré-adolescentes: alguns aspectos da adaptação da F.E.S de Moos & Moos. *Avaliação Psicológica: Formas e Contextos, 3*, 421-430.
- Santos, S. J., Bohon, L. M., & Sanchez-Sosa, J. (1998). Childhood family relationships, marital and work conflict, and mental health distress in mexican immigrants. *Journal of Community Psychology, 26*, 491-508.
- Saucier, G., Wilson, K., & Warka, J. (2007). The structure of retrospective accounts of family environments: Related to the structure of personality attributes. *Journal of Personality Assessment, 88*, 295-308.
- Schönplflug, U. (2001). Intergenerational transmission of values: The role of transmission belts. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 32*, 174-185.

- Schwartz, S. H., & Bardi, A. (2001). Value hierarchies across cultures: Taking a similarities perspective. *Journal of Cross-Cultural Psychology, 32*, 268-290.
- Schwartz, S. H., & Bilsky, W. (1990). Toward a theory of the universal content and structure of values: Extensions and cross-cultural replications. *Journal of Personality and Social Psychology, 58*, 878-891.
- Schwartz, S. H., & Boehnke, K. (2004). Evaluating the structure of human values with confirmatory factor analysis. *Journal of Research in Personality, 38*, 230-255.
- Schwartz, S. H., & Rubel, T. (2005). Sex differences in value priorities: Cross-cultural and multimethod studies. *Journal of Personality and Social Psychology, 89*, 1010-1028.
- Skowron, E. A. Van Epps, J. J., & Cipriano, E. A. (*in press*). Toward greater understanding of differentiation of self in Bowen Family Systems Theory: Empirical developments and future directions. In C. Rabin & M. Mikulincer (Eds.), *Differentiation of Self: Theory, Research, and Clinical applications*.
- Spera, C. (2005). A review of the relationship among parenting practices, parenting styles, and adolescent school achievement. *Educational Psychology Review, 17*, 125-146.
- Sprinthall, N., & Collins, W. (2003). *Psicologia do adolescente*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Steinberg, L., & Silk, J. (2002). Parenting Adolescents. In M. H. Bornstein (Eds.), *Handbook of parenting: Children and parenting* (Vol. 1, pp. 189-225). Lawrence Erlbaum Associates.
- Stern, S., Dixon, K., Jones, D., & Lake, M. (1989). Family environment in anorexia nervosa and bulimia. *International Journal of Eating Disorders, 8*, 25-31.
- Skowron, E. A., & Friedlander, M. L. (1998). The Differentiation of Self Inventory:

- Development and initial validation. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 235-246.
- Taris, T. W. (2000). Quality of mother-child interaction and the intergenerational transmission of sexual values: A panel study. *Journal of Genetic Psychology*, 161, 169-181.
- Taris, T. W., Semin, G. R., & Bok, I. A. (1998). The effect of quality of family interaction and intergenerational transmission of values on sexual permissiveness. *Journal of Genetic Psychology*, 159, 237-250.
- Vianna, V., Silva, E., & Formigoni, M. (2007). Versão em português da family environment scale: Aplicação e validação. *Saúde Pública*, 41, 419-26.
- Wagner, A., & Falcke, D. (2001). Satisfação conjugal e transgeracionalidade: Uma revisão teórica sobre o tema. *Psicologia Clínica*, 13, 11-24
- Zentner, M., & Renaud, O. (2007). Origins of adolescents' ideal self: An intergenerational perspective. *Journal of Personality and Social Psychology*, 92 (3), 557-574.

Apêndices

Apêndice I

Análise de *clusters* dos padrões relacionais familiares percebidos pelos filhos adolescentes.

Output 1 – Clusters iniciais

Initial Cluster Centers

	Cluster		
	1	2	3
ConflitoFES	2,89	3,89	5,89
Coesao	5,33	2,53	4,53

Output 2 – Clusters finais

Final Cluster Centers

	Cluster		
	1	2	3
ConflitoFES	3,99	3,29	4,83
Coesao	4,55	3,69	5,05

Output 3 – Distância entre os clusters finais

ConflitoFES

Duncan^{a,b}

Cluster Number of Case	N	Subset for alpha = 0.05		
		1	2	3
x	62	3,2863		
w	144		3,9895	
z	148			4,8315
Sig.		1,000	1,000	1,000

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 100,569.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Coesao

Duncan^{a,b}

Cluster Number of Case	N	Subset for alpha = 0.05		
		1	2	3
x	62	3,6895		
w	144		4,5522	
z	148			5,0515
Sig.		1,000	1,000	1,000

Means for groups in homogeneous subsets are displayed.

a. Uses Harmonic Mean Sample Size = 100,569.

b. The group sizes are unequal. The harmonic mean of the group sizes is used. Type I error levels are not guaranteed.

Output 4 – ANOVA

ANOVA

		Sum of Squares	df	Mean Square	F	Sig.
ConflitoFES	Between Groups	117,052	2	58,526	349,272	,000
	Within Groups	58,815	351	,168		
	Total	175,867	353			
Coesao	Between Groups	81,861	2	40,930	258,987	,000
	Within Groups	55,472	351	,158		
	Total	137,333	353			

Apêndice II

Quadros resultantes da Análise Linear Múltipla efectuada para as famílias
com um Padrão Relacional Familiar Diferenciado

Relacional

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Relacional* dos filhos adolescentes, permitem explicar 73% da variância para a qual contribuíram negativamente os domínios motivacionais *Poder Social* ($\beta = -.91, p < .05$), *Preocupação Social* ($\beta = -1.05, p < .05$) e *Relacional* ($\beta = -1.11, p < .05$), e, positivamente, o domínio *Realização Pessoal* ($\beta = 1.66, p < .05$) valorizados pela **mãe**. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão directa negativa*, entre mãe e filho, da dimensão *Relacional*.

Quadro 1

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Relacional nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Preocupação Social</i>	-0.68	0.22	-1.05
<i>Relacional</i>	-1.07	0.45	-1.11
<i>Poder Social</i>	-0,75	0.29	-.91
<i>Realização Pessoal</i>	1.47	0.45	1.66
R ²		.73	
F		1.85	

Nota: * $p < .05$

Tradicionalismo

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Tradicionalismo* dos filhos adolescentes permitem explicar 71% da variância, para a qual contribuíram os domínios motivacionais *Tradicionalismo* ($\beta = .84, p < .05$), valorizado pela **mãe**, e *Preocupação Social* ($\beta = .60, p < .05$) valorizado pelo **pai**. A *Preocupação Social* ($\beta = -1.02, p < .05$) da **mãe** prediz negativamente a valorização de valores tradicionais pelos filhos adolescentes. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão directa positiva*, entre mãe e filho, da dimensão *Tradicionalismo*.

Quadro 2

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Tradicionalismo nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Tradicionalismo</i>	0.92	0.38	.84*
<i>Preocupação Social</i>	-0.80	0.28	-1.02*
Pai			
<i>Preocupação Social</i>	0.43	0.20	.60*
R ²		.71	
F		1.64	

Nota: * $p < .05$

Realização Pessoal

A regressão linear múltipla efectuada para analisar os valores parentais que predizem a valorização da dimensão *Realização Pessoal* pelos filhos adolescentes permite explicar 85% da variância, para a qual contribuíram, (a) positivamente, as dimensões *Realização Pessoal* ($\beta = 1.47, p < .05$) **da mãe**, *Poder Social* ($\beta = .47, p < .05$) e *Preocupação Social* ($\beta = .44, p < .05$) do **pai**; e (b) negativamente, as dimensões *Poder Social* ($\beta = -.57, p < .05$), *Preocupação Social* ($\beta = -.65, p < .05$) e *Espiritualidade* ($\beta = -.71, p < .05$), quando valorizadas pela **mãe**, e o domínio *Realização Pessoal* ($\beta = -.88, p < .05$), quando valorizado pelo **pai**.

Verifica-se, deste modo, uma *transmissão directa positiva*, entre mãe e filho, e também uma *transmissão directa negativa*, entre pai e filho da dimensão *Realização Pessoal*.

Quadro 3

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Realização Pessoal nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			

<i>Poder Social</i>	-0.57	0.27	-.57*
<i>Realização Pessoal</i>	1.60	0.41	1.47*
<i>Preocupação Social</i>	-0.52	0.20	-.65*
<i>Espiritualidade</i>	-0.54	0.14	-.71
Pai			
<i>Poder Social</i>	0.53	0.24	.47*
<i>Realização Pessoal</i>	-1.00	0.30	-.88*
<i>Preocupação Social</i>	0.32	0.15	.44*
R ²		.85	
F		3.83	

Nota: * p < .05

Espiritualidade

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Espiritualidade* dos filhos adolescentes permitem explicar 75% da variância, para a qual contribuíram os domínios motivacionais *Espiritualidade* ($\beta = .50, p < .05$), valorizado pela **mãe**, e *Preocupação Social* ($\beta = .63, p < .05$) valorizado pelo **pai**. A *Preocupação Social* ($\beta = -.84, p < .05$) da **mãe** prediz negativamente a *Espiritualidade* do adolescente. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão directa positiva*, entre mãe e filho, da dimensão *Espiritualidade*.

Quadro 4

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Espiritualidade nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			

<i>Preocupação Social</i>	-0.89	0.35	-.84*
<i>Espiritualidade</i>	0.52	0.24	.50*
Pai			
<i>Preocupação Social</i>	0.61	0.25	.63*
R ²		.75	
F		2.01	

Nota: * p < .05

Apêndice III

Quadros resultantes da Análise Linear Múltipla efectuada para as famílias
com um Padrão Relacional Familiar Pouco Diferenciado

Relacional

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Relacional* dos filhos adolescentes, permitem explicar 46% da variância para a qual contribuiu unicamente a valorização do domínio motivacional *Relacional* ($\beta = .69$, $p < .05$), pelo **pai** (*transmissão directa positiva* entre pai e filho).

Quadro 5

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Relacional nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Pai			
<i>Relacional</i>	0.88	0.38	.69*
R ²		.46	
F		1.35	

Nota: * $p < .05$

Tradicionalismo

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Tradicionalismo* dos filhos adolescentes permitem explicar 44% da variância, para a qual contribui unicamente o domínio motivacional *Realização Pessoal* ($\beta = .60$, $p < .05$) valorizado pela **mãe** (*transmissão indirecta positiva*).

Quadro 6

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Relacional nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Realização Pessoal</i>	0.84	0.32	.60*
R ²		.44	
F		1.24	

Nota: * $p < .05$

Equilíbrio Pessoal

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Equilíbrio Pessoal* dos filhos adolescentes permitem explicar 51% da variância, para a qual contribuíram os domínios motivacionais *Relacional* ($\beta = .58, p < .05$) e *Espiritualidade* ($\beta = .59, p < .05$) do **pai** (*transmissão indirecta positiva*).

Quadro 7

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Equilíbrio Pessoal nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Pai			
<i>Relacional</i>	0.80	0.38	.58*
<i>Espiritualidade</i>	0.45	0.20	.59*
R ²		.51	
F		1.64	

Nota: * $p < .05$

Realização Pessoal

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Realização Pessoal* dos filhos adolescentes permitem explicar 55% da variância, para a qual contribuíram positivamente os domínios motivacionais *Relacional* ($\beta = .63, p < .05$) e *Espiritualidade* ($\beta = .79, p < .05$) do **pai**. As preocupações pró-sociais – *Preocupação Social* ($\beta = -.60, p < .05$) – do progenitor predizem negativamente os valores relacionados com a *Realização Pessoal* do adolescente. Verifica-se, deste modo, várias *transmissões indirectas positivas e negativas* desta dimensão.

Quadro 8

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Realização Pessoal nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Pai			

<i>Relacional</i>	0.95	0.40	.63*
<i>Preocupação Social</i>	-0.53	0.26	-.60*
<i>Espiritualidade</i>	0.67	0.21	.79*
R ²		.55	
F		1.94	

Nota: * $p < .05$

Espiritualidade

A regressão linear múltipla efectuada para analisar os valores parentais que predizem a valorização da dimensão *Espiritualidade* dos filhos adolescentes permite explicar 55% da variância, para a qual contribuiu positivamente a valorização da dimensão *Espiritualidade* ($\beta = .66, p < .05$) e, negativamente, a valorização da dimensão *Tradicionalismo* ($\beta = -.94, p < .05$) pelo **pai**. Verifica-se, deste modo, uma *transmissão paterna: directa positiva, e uma indirecta negativa*.

Quadro 9

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Espiritualidade nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Pai			
<i>Tradicionalismo</i>	-1.69	0.59	-.94*
<i>Espiritualidade</i>	0,75	0.28	.66*
R ²		.55	
F		1.91	

Nota: * $p < .05$

Apêndice IV

Quadros resultantes da Análise Linear Múltipla efectuada para as famílias
com um Padrão Relacional Familiar Fusional

Tradicionalismo

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Tradicionalismo* dos filhos adolescentes permitem explicar 62% da variância, para a qual contribuíram negativamente os domínios motivacionais *Preocupação Social* ($\beta = -.60, p < .05$) e *Poder Social* ($\beta = -.74, p < .05$) da **mãe** (*transmissões indirectas negativas*).

Quadro 10

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Tradicionalismo nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Poder Social</i>	-0.51	0.21	-.74*
<i>Preocupação Social</i>	-0.46	0.21	-.60
R ²		.62	
F		1.45	

Nota: * $p < .05$ (de acordo com

Poder Social

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Poder Social* dos filhos adolescentes permitem explicar 57% da variância, para a qual contribuiu negativamente o domínio motivacional *Equilíbrio Pessoal* ($\beta = -.74, p < .05$) do **pai** (*transmissão indirecta negativa*).

Quadro 11

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Poder Social nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Pai			
<i>Equilíbrio Pessoal</i>	-0.89	0.43	-.74*
R ²		.57	
F		1.15	

Nota: * $p < .05$ (de acordo com

Equilíbrio Pessoal

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Equilíbrio Pessoal* dos filhos adolescente permitem explicar 57% da variância, para a qual contribuiu unicamente o domínio motivacional *Realização Pessoal* ($\beta = .93$, $p < .05$) do **pai** (*transmissão indirecta positiva*).

Quadro 12

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Equilíbrio Pessoal nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Pai			
<i>Realização Pessoal</i>	0.65	0.29	.93*
R ²		.57	
F		1.16	

Nota: * $p < .05$

Espiritualidade

Os resultados da regressão linear múltipla para a dimensão *Espiritualidade* dos filhos adolescentes permitem explicar 73% da variância, para a qual contribuiu positivamente o domínio motivacional *Espiritualidade* ($\beta = 1.05$, $p < .05$) da **mãe** e, negativamente, o domínio motivacional *Equilíbrio Pessoal* ($\beta = -.69$, $p < .05$) do **pai**

(*transmissão directa positiva, entre mãe e filho, e transmissão indirecta negativa, entre pai e filho, respectivamente*).

Quadro 13

Resumo da Análise de Regressão Linear Múltipla para as dimensões parentais que predizem a dimensão Espiritualidade nos filhos adolescentes.

Preditor	B	SE B	β
Mãe			
<i>Espiritualidade</i>	1.38	0.37	1.05*
Pai			
<i>Equilíbrio Pessoal</i>	-1.20	0.49	-.69*
R ²		.73	
F		2.36	

Nota: * p < .05

Anexos

Anexo A

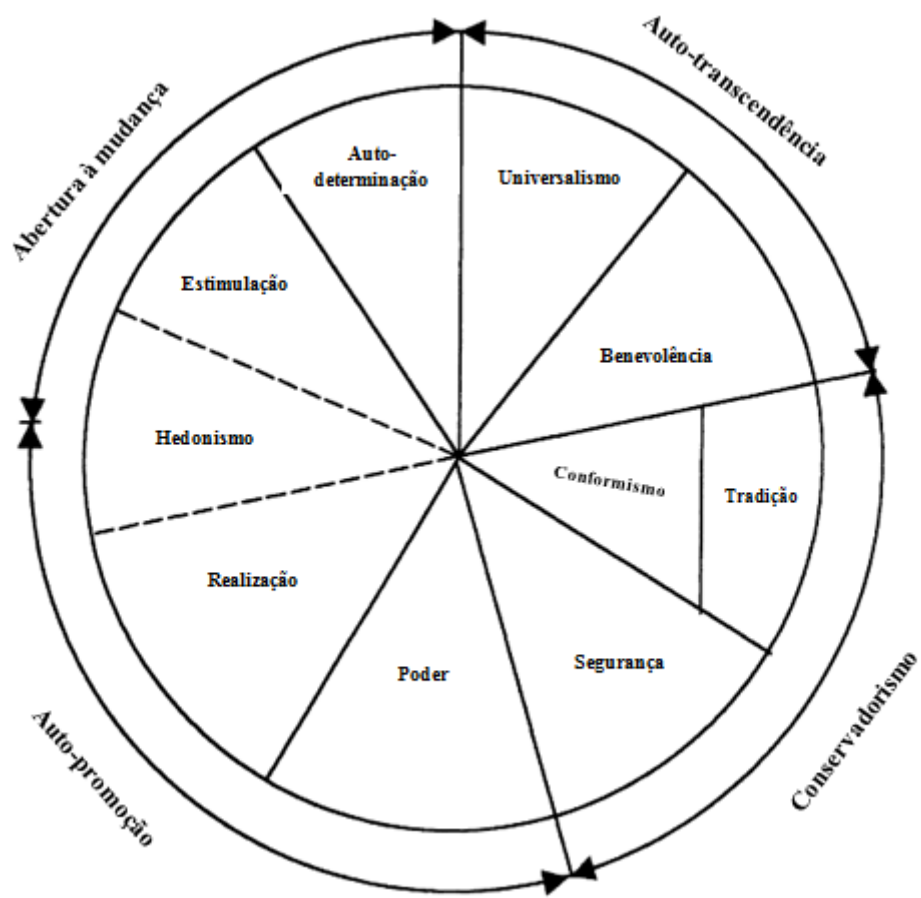
Domínios Motivacionais propostos por Schwartz
(Menezes & Campos, 1991)

Interesses	Domínios Motivacionais	Valores
Individuais	<p style="text-align: center;">Auto-determinação Independência de acção e de pensamento.</p> <p style="text-align: center;">Estimulação Procura de desafios, novidade e excitação.</p> <p style="text-align: center;">Hedonismo Prazer e gratificação sensual</p> <p style="text-align: center;">Realização Obtenção de sucesso pessoal e de reconhecimento social.</p> <p style="text-align: center;">Poder Controlo sobre os outros ou recursos.</p>	<p style="text-align: center;">Liberdade Respeito próprio Criatividade Independente Escolhendo as minhas metas Curioso</p> <p style="text-align: center;">Vida excitante Vida variada Audacioso</p> <p style="text-align: center;">Prazer Que goza a vida</p> <p style="text-align: center;">Ambicioso Influente Capaz Inteligente Bem sucedido</p> <p style="text-align: center;">Poder social Fortuna Reconhecimento social Autoridade Preservador da minha imagem pública</p>

<p style="text-align: center;">Colectivos</p>	<p style="text-align: center;">Conformismo Controlo de impulsos e acções em conformidade com as normas sociais.</p> <p style="text-align: center;">Tradição Respeito e adesão a costumes e ideologias impostas culturalmente.</p> <p style="text-align: center;">Benevolência Preocupações activas para preservar ou obter o bem-estar dos outros.</p>	<p style="text-align: center;">Polidez Auto-disciplina Respeitador de pais e idosos Obediente</p> <p style="text-align: center;">Respeito pela tradição Privacidade Moderado Humilde Aceitador da minha vida Devoto Uma vida espiritual</p> <p style="text-align: center;">Sentido de vida Amor maduro Amizade verdadeira Leal Honesto Prestável Responsável Que perdoa</p>
<p style="text-align: center;">Mistos</p>	<p style="text-align: center;">Segurança Necessidade de estabilidade e harmonia a nível pessoal e social.</p> <p style="text-align: center;">Universalismo Preocupações ecológicas e preocupações pró-sociais, que incluem a aceitação das diferenças entre os indivíduos e as culturas.</p>	<p style="text-align: center;">Sentido de pertença Ordem social Segurança nacional Reciprocidade de favores Segurança familiar Saudável Limpo</p> <p style="text-align: center;">Igualdade Harmonia anterior Um mundo em paz União com a natureza Sabedoria Um mundo de beleza Justiça social Aberto Protector do Ambiente</p>

Anexo B

Modelo teórico sobre as relações entre os dez domínios motivacionais propostos por Schwartz (adaptado de Prince-Gibson & Schwartz, 1998)



Anexo C

Questionário sócio-demográfico

DADOS PESSOAIS

Responda às próximas questões com os seus dados pessoais, por favor.

1. Sexo	<input type="radio"/> Masculino ¹	<input type="radio"/> Feminino ²
---------	--	---

2. Idade _____ anos

3. Profissão (indique a actividade que exerce) _____

4. Situação relacional			
<input type="radio"/> Casamento ¹	Desde há _____ anos	<input type="radio"/> Separação ²	
<input checked="" type="radio"/> Divórcio ²		<input checked="" type="radio"/> União de Facto / Coabitação ⁴	Desde há _____ anos
<input type="radio"/> Viuvez ²		<input type="radio"/> Namoro ³	Desde há _____ anos
<input type="radio"/> Não tem relação/Não se aplica ⁷			

5. Nível de escolaridade

<input type="radio"/> 0-4 anos de escolaridade ¹	<input type="radio"/> 4-6 anos de escolaridade ²
<input type="radio"/> 6-9 anos de escolaridade ³	<input type="radio"/> 10-12 anos de escolaridade ⁴
<input type="radio"/> Frequência universitária ⁵	<input type="radio"/> Ensino Superior ⁶

6. Zona de Residência Habitual		
<input type="radio"/> Norte ¹	<input type="radio"/> Algarve ²	<input type="radio"/> Centro ³
<input type="radio"/> ALENTEJO ⁴	<input type="radio"/> Grande Lisboa ²	<input checked="" type="radio"/> Açores ⁵
<input type="radio"/> Madeira ⁷	<input type="radio"/> Outra ⁸ _____	
<input type="radio"/> Rural ¹	<input type="radio"/> Semi-urbana ²	<input type="radio"/> Urbana ³

7. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico

<input type="radio"/> Nunca teve ¹	<input type="radio"/> Teve no passado ²	<input type="radio"/> Tem actualmente ³
	Motivo: _____	Motivo: _____

8. Tem problemas/doenças de saúde física?	
<input type="radio"/> Sim ¹	<input type="radio"/> Não ²
Qual/Quais? _____	

9. Religiosidade Crente praticante¹ Crente não praticante² Não crente³

10. Actualmente, com quem habita? _____	(ex. Pais, Filhos, Marido/Esposa, Avós, Irmãos, Amigos, Companheiro)
---	--

11. Com quem viveu durante a Infância? _____

12. Com quem viveu entre os seus 15 e 19 anos? _____
--

13. Como considera ser o seu ambiente familiar actual?

- Muito Mal₁
- Mal₂
- Nem mal, nem bem₃
- Bem₄
- Muito bem₅

DADOS FAMILIARES

Responda às próximas questões com os dados da sua família, por favor.

Se não tem filhos, passe ao Item 18.

14. Quantos filhos tem? Zero Um Dois Três Quatro

15. Qual(ia) as Idades e sexos dos seus filhos?(ex: 16anos/F) ___/___; ___/___; ___/___; ___/___; ___/___

16. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico do(s) seu(s) filho(s)

- Nunca teve₁
- Teve no passado₂ Motivo: _____
- Tem actualmente₃ Motivo: _____

17. Situação relacional dos seus pais

Pai

- Casamento¹ Desde há ___ anos
- Separação² Desde há ___ anos
- Divórcio³ Desde há ___ anos
- União de Facto/Coabitação⁴ Desde há ___ anos
- Viuvez⁵
- Namoro⁶
- Não tem relação/Não se aplica⁷
- Falecido⁸

Mãe

- Casamento¹ Desde há ___ anos
- Separação²
- Divórcio³ Desde há ___ anos
- União de Facto/Coabitação⁴ Desde há ___ anos
- Viuvez⁵
- Namoro⁶
- Não tem relação/Não se aplica⁷
- Falecida⁸

18. Idade dos seus pais

(se já faleceram, não responda)

Pat: _____ anos

Mãe: _____ anos

19. Profissão dos seus pais

(caso já sejam reformados ou já tenham falecido, diga a actividade que exerciam antes)

Pat: _____

Mãe: _____

20. Nível escolaridade dos seus pais

Pal

- 0-4 anos de escolaridade¹
- 4-6 anos de escolaridade²
- 6-9 anos de escolaridade³
- 10-12 anos de escolaridade⁴
- Frequência universitária⁵
- Ensino Superior⁶
- Não sei⁷

Mãe

- 0-4 anos de escolaridade¹
- 4-6 anos de escolaridade²
- 6-9 anos de escolaridade³
- 10-12 anos de escolaridade⁴
- Frequência universitária⁵
- Ensino Superior⁶
- Não sei⁷

21. Religiosidade dos seus pais

Pal

- Crente praticante¹
- Crente não praticante²
- Não crente³
- Não sei⁴

Mãe

- Crente praticante¹
- Crente não praticante²
- Não crente³
- Não sei⁴

22. Acompanhamentos psicológico e/ou psiquiátrico dos seus pais

Pal

- Nunca teve₁
- Teve no passado₂
- Tem actualmente₃
- Não sei⁴

Mãe

- Nunca teve₁
- Teve no passado₂
- Tem actualmente₃
- Não sei⁴

Anexo D

Questionário sobre os Valores Pessoais – QVP-R

(Schwartz, S., 1987; tradução e adaptação portuguesa: Menezes, I. & Campos, B., 1989; recriação: Prioste, A., Narciso, I., & Gonçalves, M., 2010)

QUESTIONÁRIO SOBRE OS VALORES PESSOAIS

Shalom H. Schwartz; Tradução e Adaptação: Menezes & Campos, 1989
Recriação: Prioste, Narciso, & Gonçalves (2010)

Neste questionário deve perguntar-se a si próprio: "**Que valores são importantes como princípios que orientam a MINHA vida, e que valores são menos importantes para mim?**". Após alguns valores que enunciamos, dentro do parêntesis, há uma explicação que poderá ajudá-lo(a) a compreender o seu significado. A sua tarefa é avaliar quão importante é para si cada valor **como um princípio orientador da sua vida**. Use a seguinte escala de avaliação:

- 1 - Sem importância**
- 2 - Pouquíssimo importante**
- 3 - Pouco importante**
- 4 - Importante**
- 5 - Muito importante**
- 6 - Importância Fundamental**

Quanto mais elevado é o número que atribuir (1, 2, 3, 4, 5, 6), mais importante é o valor como princípio que orienta a sua vida.

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

1. Igualdade (oportunidades iguais para todos)	1	2	3	4	5	6
2. Harmonia Interior (em paz consigo próprio)	1	2	3	4	5	6
3. Poder Social (controlo sobre os outros, domínio)	1	2	3	4	5	6
4. Prazer (satisfação de desejos)	1	2	3	4	5	6
5. Liberdade (liberdade de acção e pensamento)	1	2	3	4	5	6
6. Espiritualidade (ênfase em aspectos espirituais e não materiais)	1	2	3	4	5	6
7. Sentido de Pertença (sentimento de pertencer e ser aceite)	1	2	3	4	5	6
8. Ordem Social (valorização da regulação social)	1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental
9. Família (valorização da prioridade da família no percurso de vida)					
1	2	3	4	5	6
10. Vida Excitante (experiências estimulantes, desafiadoras)					
1	2	3	4	5	6
11. Sentido de Vida (finalidades e acções que dêem sentido à vida, que promovam a auto-realização)					
1	2	3	4	5	6
12. Polidez (cortesia, boas maneiras)					
1	2	3	4	5	6
13. Trabalho (valorizar a importância do trabalho no percurso de vida)					
1	2	3	4	5	6
14. Evolução (valorizar a evolução científica e tecnológica)					
1	2	3	4	5	6
15. Ócio (valorização do descanso pessoal)					
1	2	3	4	5	6
16. Fortuna (posses materiais, dinheiro)					
1	2	3	4	5	6
17. Segurança Nacional (protecção da nação contra os inimigos)					
1	2	3	4	5	6
18. Respeito Próprio (crença no seu valor pessoal)					
1	2	3	4	5	6
19. Vida (valorização do direito à vida acima de tudo)					
1	2	3	4	5	6
20. Reciprocidade de Favores (evitar ser devedor a alguém)					
1	2	3	4	5	6
21. Criatividade (valorização do ser único, com imaginação)					
1	2	3	4	5	6
22. Mundo em Paz (livre de guerra e de conflito)					
1	2	3	4	5	6
23. Tradição (preservação dos costumes estabelecidos há longo tempo)					
1	2	3	4	5	6
24. Amor (profunda intimidade emocional e espiritual)					
1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

25. Auto-Disciplina (auto-controlo)	1	2	3	4	5	6
26. Privacidade (ter direito a uma esfera privada)	1	2	3	4	5	6
27. Segurança Familiar (valorizar e proporcionar segurança aos familiares)	1	2	3	4	5	6
28. Beleza Física (valorização da imagem física)	1	2	3	4	5	6
29. Positividade (perspectiva positiva face a si, aos outros e os acontecimentos)	1	2	3	4	5	6
30. Verdade (ser genuíno e verdadeiro)	1	2	3	4	5	6
31. Reconhecimento Social (respeito, aprovação dos outros)	1	2	3	4	5	6
32. União com a Natureza (integração com a natureza)	1	2	3	4	5	6
33. Generosidade (valorização de acções gratuitas em prol dos outros)	1	2	3	4	5	6
34. Vida Variada (cheia de mudanças e novidades)	1	2	3	4	5	6
35. Sabedoria (compreensão madura da vida)	1	2	3	4	5	6
36. Autoridade (valorização do direito de liderar ou mandar)	1	2	3	4	5	6
37. Amizade (valorização de amigos íntimos)	1	2	3	4	5	6
38. Mundo de Beleza (valorização da beleza da natureza e das artes)	1	2	3	4	5	6
39. Justiça Social (preocupação com a correcção de injustiças, com a ajuda aos mais fracos)	1	2	3	4	5	6
40. Independência Pessoal (valorização da auto-suficiência, da autonomia)	1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

41. Moderação (evitar os extremos nos sentimentos e acções)	1	2	3	4	5	6
42. Higiene (ser asseado, arrumado)	1	2	3	4	5	6
43. Auto-Condescendência (transigente face aos próprios erros e limitações)	1	2	3	4	5	6
44. Sucesso (atingir objectivos importantes)	1	2	3	4	5	6
45. Inteligência (capacidade intelectual)	1	2	3	4	5	6
46. Lealdade (fiel aos amigos, aos grupos)	1	2	3	4	5	6
47. Ambição (valorização do trabalho árduo, com aspirações)	1	2	3	4	5	6
48. Abertura (tolerância face a diferentes ideias e crenças)	1	2	3	4	5	6
49. Humildade (valorização da modéstia e da simplicidade)	1	2	3	4	5	6
50. Audácia (valorização da aventura, do risco)	1	2	3	4	5	6
51. Educação (valorização da transmissão de saberes nas diversas áreas da vida)	1	2	3	4	5	6
52. Protecção do Ambiente (valorização da preservação e respeito pela natureza)	1	2	3	4	5	6
53. Influência Social (impacto nas pessoas e nos acontecimentos)	1	2	3	4	5	6
54. Respeito pelos Mais Velhos (aceitar a importância dos mais velhos e agir em conformidade)	1	2	3	4	5	6
55. Escolha de Objectivos de Vida (seleccionar objectivos e metas)	1	2	3	4	5	6
56. Responsabilidade (fidedigno, de confiança)	1	2	3	4	5	6

COMO PRINCÍPIO ORIENTADOR DA MINHA VIDA, considero este valor:

1	2	3	4	5	6
Nada Importante	Pouquíssimo Importante	Pouco Importante	Importante	Muito Importante	Importância Fundamental

57. Curiosidade (interesse por tudo, explorador)	1	2	3	4	5	6
58. Disponibilidade para os Outros (ser prestável e dedicado, preocupar-se com o bem-estar dos outros)	1	2	3	4	5	6
59. Religiosidade (dedicado à fé religiosa)	1	2	3	4	5	6
60. Saúde (procurar bem-estar físico e mental)	1	2	3	4	5	6
61. Competência (competente, eficaz, eficiente)	1	2	3	4	5	6
62. Aceitação da Vida (submissão às circunstâncias da vida)	1	2	3	4	5	6
63. Honestidade (sincero, autêntico)	1	2	3	4	5	6
64. Preservação da Imagem (proteger a reputação)	1	2	3	4	5	6
65. Esperança (ter fé, acreditar no futuro)	1	2	3	4	5	6
66. Obediência (cumprir deveres e obrigações)	1	2	3	4	5	6
67. Perdão (desculpar os outros)	1	2	3	4	5	6

Anexo E

Family Environment Scale – FES

(Moos, R., & Moos, B., 1986; adaptação portuguesa:
Matos, P. M., & Fontaine, A. M., 1992)

FES

(Rudolf H. Moos & Bernice S. Moos, 1986; *Adaptação Portuguesa: P. Mena Matos & A. M. Fontaine, 1992*)

Neste questionário vai encontrar um conjunto de afirmações **sobre a sua família actual**. Leia atentamente cada uma das frases e assinale com uma cruz (X) a resposta que melhor exprime as **suas relações familiares com as pessoas com quem vive actualmente**, tendo em conta as seis alternativas de resposta.

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

1. Na minha família ajudamo-nos uns aos outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
2. Habitualmente não contamos o que sentimos uns aos outros.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
3. Na minha família zangamo-nos muitas vezes.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
4. Na minha família não costumamos fazer as coisas por nós próprios.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
5. Nós achamos que é importante sermos os melhores em tudo o que fazemos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
6. Costumamos conversar sobre questões sociais e políticas.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
7. Passamos a maioria dos fins-de-semana e das noites em casa.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
8. Costumamos ir à missa regularmente.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
9. Na minha família planeamos as coisas com muito cuidado.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
10. As pessoas da minha família raramente são obrigadas a seguir ordens.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
11. Normalmente quando estamos juntos parece que só estamos a passar tempo.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
12. Podemos falar de tudo o que queremos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
13. As pessoas da minha família mostram poucas vezes que estão zangadas.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
14. Na minha família somos incentivados a ser independentes.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
15. Ter sucesso é muito importante na minha família.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
16. Costumamos ir assistir a conferências, peças de teatro ou concertos.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
17. Na minha família costumamos receber amigos e conhecidos em casa.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
18. Na minha família costumamos rezar.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
19. Somos normalmente muito limpos e organizados.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥
20. Existem poucas regras que temos que seguir na minha família.	① ② ③ ④ ⑤ ⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

21. Empenhamo-nos bastante a fazer coisas em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
22. Quando descarregamos os nossos problemas, há sempre alguém que fica preocupado.	①	②	③	④	⑤	⑥
23. As pessoas da minha família às vezes ficam tão nervosas que atiram coisas pelo ar.	①	②	③	④	⑤	⑥
24. Na minha família cada um pensa por si.	①	②	③	④	⑤	⑥
25. Não é muito importante para nós quanto dinheiro cada um consegue ganhar.	①	②	③	④	⑤	⑥
26. Aprender coisas novas e diferentes é muito importante para a minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
27. Na minha família ninguém pratica um desporto regularmente.	①	②	③	④	⑤	⑥
28. Conversamos várias vezes sobre o que significa o Natal, a Páscoa ou outras festas religiosas.	①	②	③	④	⑤	⑥
29. Em minha casa é difícil encontrarmos as coisas quando precisamos delas.	①	②	③	④	⑤	⑥
30. Existe uma pessoa na minha família que decide quase todas as coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥
31. Sentimo-nos muito unidos na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
32. Conversamos sobre os nossos problemas pessoais.	①	②	③	④	⑤	⑥
33. Quase nunca as pessoas da minha família perdem a cabeça.	①	②	③	④	⑤	⑥
34. Na minha família não temos horas de entrada e de saída.	①	②	③	④	⑤	⑥
35. Acreditamos que os melhores devem vencer na vida.	①	②	③	④	⑤	⑥
36. Na minha família não costumamos ir visitar museus e exposições.	①	②	③	④	⑤	⑥
37. Vamos com frequência ao cinema, a acontecimentos desportivos, ao campismo, etc.	①	②	③	④	⑤	⑥
38. Acreditamos no céu e no inferno.	①	②	③	④	⑤	⑥
39. Ser pontual é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
40. Em minha casa há regras para se fazerem certas coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥
41. Normalmente ninguém se oferece para fazer alguma coisa que tem de ser feita em casa.	①	②	③	④	⑤	⑥
42. Se nos apetece fazer qualquer coisa em cima da hora então fazêmo-lo.	①	②	③	④	⑤	⑥
43. As pessoas da minha família criticam-se muitas vezes umas às outras.	①	②	③	④	⑤	⑥
44. Na minha família há pouca privacidade e as pessoas mexem nas coisas uns dos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
45. Procuramos sempre fazer as coisas melhor da próxima vez.	①	②	③	④	⑤	⑥
46. Não costumamos conversar sobre arte e literatura.	①	②	③	④	⑤	⑥
47. Na minha família todos têm um ou dois <i>hobbys</i> .	①	②	③	④	⑤	⑥
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião.	①	②	③	④	⑤	⑥
50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa.	①	②	③	④	⑤	⑥
53. As pessoas da minha família às vezes agriem-se fisicamente.	①	②	③	④	⑤	⑥
54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho.	①	②	③	④	⑤	⑥
55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola.	①	②	③	④	⑤	⑥
56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical.	①	②	③	④	⑤	⑥
57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em actividades recreativas fora da escola ou do trabalho.	①	②	③	④	⑤	⑥
47. Na minha família todos têm um ou dois <i>hobbys</i> .	①	②	③	④	⑤	⑥
48. As pessoas da minha família sabem muito bem o que é certo e o que é errado.	①	②	③	④	⑤	⑥
49. Em minha casa é difícil saber com o que contar porque se muda muitas vezes de opinião.	①	②	③	④	⑤	⑥
50. Obedecer às ordens é muito importante na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
51. Podemos realmente contar uns com os outros na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
52. Há sempre alguém que se aborrece, quando alguém se queixa.	①	②	③	④	⑤	⑥
53. As pessoas da minha família às vezes agriem-se fisicamente.	①	②	③	④	⑤	⑥
54. Quando alguém tem um problema, geralmente resolve-o sozinho.	①	②	③	④	⑤	⑥
55. Na minha família não nos preocupamos em subir no trabalho e em ter boas notas na escola.	①	②	③	④	⑤	⑥
56. Existe pelo menos uma pessoa na minha família que toca um instrumento musical.	①	②	③	④	⑤	⑥
57. As pessoas da minha família não estão envolvidas em actividades recreativas fora da escola ou do trabalho.	①	②	③	④	⑤	⑥
58. Na minha família acreditamos que existem acontecimentos que só têm a ver com a fé.	①	②	③	④	⑤	⑥
59. As pessoas da minha família procuram manter os seus quartos arrumados.	①	②	③	④	⑤	⑥
60. Cada um de nós tem uma palavra a dizer nas decisões familiares.	①	②	③	④	⑤	⑥
61. Na minha família sentimo-nos pouco unidos.	①	②	③	④	⑤	⑥
62. As questões de dinheiro e de pagamento de contas são faladas abertamente.	①	②	③	④	⑤	⑥

Discordo totalmente	Discordo	Discordo moderadamente	Concordo moderadamente	Concordo	Concordo totalmente
①	②	③	④	⑤	⑥

63. Se existe alguma zanga na minha família tentamos esconder o problema e manter a paz.	①	②	③	④	⑤	⑥
64. Em minha casa achamos que cada um deve defender os seus direitos.	①	②	③	④	⑤	⑥
65. Na minha família não nos preocupamos assim tanto em subir na vida.	①	②	③	④	⑤	⑥
66. As pessoas da minha família costumam ler muito.	①	②	③	④	⑤	⑥
67. As pessoas da minha família gostam de aprender coisas nos tempos livres.	①	②	③	④	⑤	⑥
68. Na minha família cada um tem ideias diferentes sobre o que é certo e errado.	①	②	③	④	⑤	⑥
69. Em minha casa todos sabem o que cada um tem que fazer.	①	②	③	④	⑤	⑥
70. Na minha família podemos fazer o que nos der na cabeça.	①	②	③	④	⑤	⑥
71. Nós damos-nos mesmo bem uns com os outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
72. Geralmente temos cuidado com o que dizemos uns aos outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
73. Na minha família cada um quer ser melhor que o outro.	①	②	③	④	⑤	⑥
74. Na minha família é difícil sermos nós próprios sem que alguém fique triste ou magoado.	①	②	③	④	⑤	⑥
75. "Primeiro o trabalho, depois a diversão" é o que se diz na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
76. Em minha casa vemos mais televisão do que lemos.	①	②	③	④	⑤	⑥
77. As pessoas da minha família costumam sair e passear.	①	②	③	④	⑤	⑥
78. A Bíblia é um livro muito importante para a minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥
79. Na minha casa não temos muito cuidado com o modo como gastamos o dinheiro.	①	②	③	④	⑤	⑥
80. Na minha casa as ordens são para se cumprir.	①	②	③	④	⑤	⑥
81. Temos muito tempo e atenção uns para os outros.	①	②	③	④	⑤	⑥
81. Na minha família começamos muitas vezes a conversar sobre várias coisas.	①	②	③	④	⑤	⑥
83. Na minha família achamos que não serve de nada estar a gritar.	①	②	③	④	⑤	⑥
84. Na minha família não é bem visto dizermos aquilo que pensamos.	①	②	③	④	⑤	⑥
85. As pessoas da minha família são muitas vezes comparadas com os colegas da escola e do trabalho.	①	②	③	④	⑤	⑥
86. Em minha casa gostamos muito de música, arte e literatura.	①	②	③	④	⑤	⑥
87. A principal maneira de passarmos o tempo é a ver televisão ou a ouvir rádio.	①	②	③	④	⑤	⑥
88. Acreditamos que se pecarmos seremos castigados.	①	②	③	④	⑤	⑥
89. Geralmente arruma-se a cozinha logo a seguir às refeições.	①	②	③	④	⑤	⑥
90. As asneiras não passam despercebidas na minha família.	①	②	③	④	⑤	⑥

